

UNIVERSIDADE ABERTA



**Lendas Sintrenses Recolhidas e Relatadas por Luiz da
Cunha de Oliveira – divulgação e estudo da obra**

ANEXOS

Digitalização da Obra

Carla Maria Ribeiro Sá

MESTRADO EM ESTUDOS PORTUGUESES MULTIDISCIPLINARES

2020

UNIVERSIDADE ABERTA



***Lendas Sintrenses Recolhidas e Relatadas por Luiz da
Cunha de Oliveira – divulgação e estudo da obra***

ANEXOS

Digitalização da Obra

Carla Maria Ribeiro Sá

MESTRADO EM ESTUDOS PORTUGUESES MULTIDISCIPLINARES

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ORIENTADA PELA PROFESSORA DOUTORA
ISABEL BARROS DIAS**

2020



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE SINTRA
OFERTA DE
Eugénio de Castro
de Consiglieri de Sintra



LENDAS

SINTRENSES

Recolhidas e Relatadas

por

LUIZ DA CUNHA DE OLIVEIRA

1968

SINTRA

INDICE

| | |
|---|----|
| À laia de Preâmbulo ----- | 1 |
| Perpetuando a Terra Natal de Cristo----- | 2 |
| Outro Certamente Seria o Rumo----- | 2 |
| O Mafarrico Em Disfarces de Mulher----- | 3 |
| Assombroso e Trágico Encantamento de Bela Princesa----- | 4 |
| Local de Refúgio e Segurança de Inocentes----- | 5 |
| Festividade Romana, Mercado Moirisco, Feira Cristã----- | 5 |
| A Primeira Comunidade Cristã Sintrense----- | 7 |
| Curiosa e Histórica Propriedade----- | 7 |
| De Portuguesa e Cristã Vigia a Linda Quinta----- | 8 |
| Trocadilho que Deu Em Nome De Povoação----- | 9 |
| Senhor da Serra----- | 9 |
| De Templo Pagão A Igreja Cristã ----- | 10 |
| Barroca Cristã a Histórica Quinta ----- | 11 |
| De Repelente Alcinha a Nome Reluzente----- | 12 |
| Cinco altos de nomes iguais e apelidos diferentes ----- | 14 |

À
LAIA
DE
PREÂMBULO

Radicado há uma dezena de anos numa rústica e modesta povoação Sintrense, pertença da antiquíssima freguesia de Rio de Mouro pertinho da pequena e graciosa ermida de Nossa Senhora das Mercês, tive sempre a preocupação de ouvir, escutar e linguajar com as pessoas mais idosas da região e terras vizinhas.

Em grata tarefa jornalística para "O Jornal de Sintra", decano da imprensa concelhia, calcurrei diversas povoações sintrinianas, especialmente localidades situadas na zona rural, onde contactei e falei com gente sempre disposta a referir-me lendas e antiquilha da sua terra ou de outras próximas.

Tive a ventura de acompanhar algumas vezes o saudoso Exm^o. Senhor D. António Correia de Sá (Visconde de Asseca) no seu zeloso deambular por terras do Concelho à sua guarda, visitas essas que me deram ensejo de recolher lendas, tradições, usos e costumes das povoações e lugarejos visitados.

De gente anónima, de vários misteres, de diversos sítios sintrinianos, ouvi dezenas de tradições regionais, formando hoje modo de bragal, - certamente subjectivo - a interessar curiosos e apaixonados destas futilidades.

Houve a preocupação de neste despretensioso e desvalioso trabalho não incluir as lendas a que altos espíritos se referiram em notáveis escritos.

Aos meus pacientes e probos informadores das lendas publicadas, se pede desculpa e perdão do narrador estar muito aquém de seus dizeres.

Ao leitor e ao crítico solicita-se a colaboração desejada e a benevolência necessária.

De outro cometimento a realizar - publicação das lendas clássicas de Sintra - será esta publicação o fiador. Aos leitores cabe a solução da questão.

Perpetuando a Terma Natal de Cristo

A bela e histórica Sintra e o seu vasto e laborioso Concelho são feudos fiéis ao culto de Nossa Senhora.

Por toda a região sintriniana encontramos bem viva a devoção à Mãe de Deus e nela existem numerosos templos em sua honra.

Não se exagera ao dizer que Sintra e o seu Termo foram e continuarão a ser um centro do culto mariano.

Sempre arrimados à lenda, contemos esta de sabor religioso e de elevada espiritualidade.

D. Henrique, ao tempo regente do reino na menoridade de el-rei D. Sebastião, teria sido abordado pelos bons habitantes de Rio de Mouro que lhe pediram a indicação de um orago para a sua igreja matriz.

O velho regente, que seria em breve o último rei da dinastia manuelina, lembrou aos solicitantes ter sido ele o fundador da igreja, pelo que teria grande satisfação se a padroeira do templo fosse Nossa Senhora de Belém, relembrando, assim, a terra do nascimento de Cristo e recordando a praia das naus executoras da gesta portuguesa que deu a Portugal novos mundos e ao Mundo outra terras.

Pertenceu desta forma a um monarca a escolha da padroeira de uma das mais antigas freguesias do Concelho sintriniano.

Outro Certamente Seria o Rumo

Seu sonhado ideal ficou com ele sepultado em terras infiéis de Alcácer-Quibir.

O povo não queria acreditar na tragédia e durante decénios esperou pelo seu regresso.

Aquele destemido príncipe, que foi desejado morrer, apreciava os encantos e belezas de Sintra, visitando-a amiúdadamente.

Diz a lenda, e não a edónea crónica, que o moço e idealista rei, sem deszpresar seus sonhos guerreiros, mantinha firme idílio amoroso com gentil e nobre fidalga de nobre linhagem.

O tablado desses honestos e angélicos amores era a linda Sintra.

Outro Certamente Seria o Rumo
(Cont.)

Fugindo aos malévolos olhares dos frequentadores do Paço Real, os dois namorados encontravam-se frequentemente em determinados sítios da Serra de Sintra, sempre custeados por três leais e idóneos cavaleiros fidalgos, que de facto guardavam absoluto sigilo.

A graciosa e ingénua lenda continua no seu desbobinar a dizer que aquele idílio real não era do agrado do cardeal D. Henrique e de outras altas e qualificadas personagens.

O mancebo rei jamais se importou com os dizeres que lhe chegavam aos ouvidos respeitantes aos seus sentimentos com a formosíssima menina. Parece até que o amoroso casamento se efectuaria após o regresso de África do fogoso rei.

O destino, porém, não quis que assim fosse. Certamente o rumo seria outro.

O Mafarrico Em Disfarces de Mulher

Doce e espiritual lenda conta que dissoluto mancebo cola reje, moído de pecados e chagado de má vida, se acitou nos pinheiros da Serra de Sintra com o firme propósito de fazer penitência e ser útil ao próximo.

Vítima de má educação recebida no lar paterno e senhor de avultados bens herdados, o aludido moço fez tropelias de tomo e escândalos de bradar aos céus.

Na serra construiu por suas próprias mãos desconfortável e humilde cabana, onde começou levando vida edificante.

Seus bens entregou-os à Santa Casa da Mesericórdia da sua terra natal com a finalidade de proteger os pobres da região, especialmente os mais necessitados.

A humilde cabana do penitente começou a ser extraordinariamente frequentada por pessoas sedentas de paz e tranquilidade. Vinha gente de toda a parte.

Honório, o santo varão, tornara-se o ermitão da primitiva capelinha de Nossa Senhora da Peninha, e era o leal e indispensável conselheiro do povo das redondezas.

O Mafarrico Em Disfarces de Mulher

(Cont.)

A fama de suas virtudes e o bom senso de seus conselhos chegaram aos ouvidos do rei, que o visitou em sua cabana e teve com o venerando homem longa conversa. A seu rogo prometeu edificar nova capela e altaneiro edifício.

Em certa tavelinha soalhenta, após a habitual e diária visita aos pobresinhos, Honório, reparou numa mulher caída no caminho que levava à sua cabana.

Ao aproximar-se da suposta vítima, reparou que esta se levantou rapidamente e com olhos pecaminosose requebros volúveis tentava enlear o Virtuoso Honório.

Perante tão insólita e mundana atitude, o santo homem lembrou-se de cilada do demônio.

Benzendo-se e pedindo a protecção de Deus, a mulher de porte carnal, desapareceu aos urros, proferindo pragas medonhas e ofensas ao ermitão da Peninha.

Assombroso e Trágico Encantamento de Bela Princesa

O deus Vulcano, figura sinistra e perversa, jurou vingar-se para todo sempre daquela formosa princesa, espelho de virtudes sem par.

O maligno Vulcano seguindo ruíns desígnios, pretendeu casar com a esbelta princesa que já a outro prometera sua mão.

Pouco satisfeito com o inesperado facto, quis saber de quem se tratava. Furioso ficou quando soube que o futuro esposo da gentil princesa era seu próprio sobrinho, filho primogênito da irmã de Vulcano.

Imediatamente correu a casa de sua irmã Zipa e queixou-se do seu desespero. Esta fez-lhe ver que nada tinha com o próximo enlace. Jovens e obedientes aos pais de cada um, tudo neles concorria para que fossem felizes. Em consciência nada teria a opor-se. Recomendou ao irmão prudência e resignação, A casta princesa não era para a sua idade. Merecia um jovem como ele. Mocidade com mocidade.

Vulcano não acatou os conselhos prudentes e nobres da irmã.

Chegado a seus domínios, organizou fortíssima expedição que se dirigiu para as terras da princesa Al-Vidrar e de seu sobrinho Foje. Zipa veio ao seu encontro, mas nada deteve Vulcano.

Assombroso e Trágico Encantamento de Bela Princesa
(Cont.)

Daquela cruenta batalha restam os corpos vulcanizados dos moços namorados aos quais chamamos Pedra de Alvidrar e o funil do Fojo.

Local de Refúgio e Segurança de Inocentes

Aquele sítio, localizado na antiquíssima freguesia de Santa Maria e S. Miguel, junto a S. Pedro de Penaferrim, tem seu curioso nome ligado a humaníssima lenda que refere o facto de as forças mouras terem solicitado do nosso rei "Conquistador" asilo para seus inocentes filhos que nada tinham com a guerra entre os dois contendores.

O brava e leal Afonso Henriques ordenou aos seus lugar seguro para refúgio desses inocentes.

Foi assim que mãos lusitanas e cristãs trataram dos filhinhos do inimigo, dando-lhes comida agasalho e segurança.

Aquele local foi dado o nome de Chão de Meninos, que ainda hoje conserva aquela piedosa denominação.

Festividade Romana. Mercado Moirisco. Feira Cristã.

A secular e típica Feira das Mercês, também tem a sua lenda perdão, infindável série delas.

Das muitas, antemas três se referem à origem daquela feira ainda hoje das mais concorridas e populares, atractivo para nacionais e estrangeiros.

Em épocas do domínio romano na Península Hispânica haveria no alto das Mercês um altar ou coluna de quatro faces, dedicada a determinada deusa protectora das culturas, à qual anualmente acorriam os povos daquelas redondezas para lhe agradecer as mercês, concedidas. Bailava-se, ao som da música vocal e instrumental junto à coluna da deusa. A festa realizava-se no mês das colheitas.

Festividade Romana. Mercado Moirisco, Feira Cristã.

(Cont.)

Veio a denominação árabe que durou 700~~0~~ anos, e os mouros destruíram a coluna e fizeram do airoso sítio de onde avistavam a Serra de Sintra, um mercado para a venda de alfaias agrícolas e diverso gado às andanças campesinas. Ali se mercadejava em grande escala, vindo gente de muito lado.

Vencidos os mouros, muitos ficaram por cá, não querendo acompanhar seus irmãos de raça para terras do Sul. Foram eles, com o apreçamento e concordância dos nossos primeiros monarcas, que ensinaram aos cristãos não guerreiros alguns segredos do amenho de terra e da sua irrigação, assegurada pela utilização da nora, da picota e da azenha, engenhos de invenção mourisca.

Coincidência curiosa, esta, de os cristãos darem ao curso de água, mais próximo das Mercês (Alto), o nome de Rio de Mouro.

Voltemos à lenda, um pouco misturada com a tradição, que narra os cristãos a reunirem-se anualmente, coadjuvados por gente moura, no Alto das Mercês, a comerciarem seus produtos agrícolas, a bailar suas danças, a tanger seus instrumentos e a entoar seus cânticos. Outros atractivos surgem e a festividade entra no ocaso.

Aparece-nos então a lenda, com laivos de realidade, que nos descreve o senhor Marquês de Pombal, grande proprietário rural nas cercanias de Sintra.- Granja do Marquês, alto das Mercês, Rio de Mouro e na própria vila (S. Martinho-, a interessar-se pelo ressurgimento da Feira das Mercês, a efectuar-se no terceiro e quarto domingo de Outubro, festas em que se agradecia a Nossa Senhora das Mercês - invocação da Mãe de Deus -, da qual o grande estadista era devotadíssimo.

Festas essas que levaram o marquês a edificar curiosa capelinha e a construir interessante casa agrícola, junto das quais ainda hoje se realiza a celebrada e consagrada Feira das Mercês, tão do agrado da população sintriniana.

A Primeira Comunidade Cristã Sintrense

Vencido o bravo mouro e conquistado o seu castelo por eles anteriormente ganho aos túrdulos, o jovem monarca português convocou sua gente para lhe distribuir recompensas e privilégios.

Seguindo praxe desde há muito estabelecida, principiou pelas forças estrangeiras irmanadas no ideal cristão e no objectivo de expulsar o infiel da Europa.

Dessa briosa e destemida tropa, destacava-se juvenil falange francesa, que nos acompanhava há tempos, especialmente em Santarém na escalada ao seu castelo.

Daqueles gauleses safu uma petição a D. Afonso Henriques, chefe incontestado das forças cristãs, que se preparava para a arriscada tomada a Lisboa, cabeça do reino árabe.

Prosseguindo a lenda, os francos pediram ao monarca a edificação de uma igreja junto à Serra de Sintra e dedicada a um dos seus Santos.

O sagaz e moço rei acedeu à realização daquele devoto intento.

Nasceu, assim, para proveito de todos a igreja de S. Martinho e certamente a primeira comunidade cristã sintrense.

Observemos, em reforço da curiosa lenda, que o patrono daquele templo foi o grande bispo da majestosa Catedral de Tours, uma das muitas jóias architectónicas de França, e cujo dia litúrgico se celebra a 11 de Novembro.

Curiosa e Histórica Propriedade

Referimo-nos à Quinta de Molhapão, próximo do lugar da Tala freguesia de Belas, propriedade do Exmº Sr. Conde de Alverca da Beira, cujo palácio foi beneficiado há poucos anos.

A quinta e o referido palácio foram outrora pertença de illustre cortezão e fiel servicão do rei D. Pedro II, que por Sintra possuía grande affecto.

A modelar quinta e o remoçado palácio são dignos de aturada e proveitosa visita.

Repare-se numa evocação lápide, colocada no espaçoso pátio de entrada, junto a graciosa ermida que recorda a proeza dos famosos toureiros Roberto e Peixinho terem ali lidado toiros em pontas.

Curiosa e Histórica Propriedade

(Cont.)

Mas tudo isto é quasi o presente...

Falemos da pitoresca lenda que parece ter dado origem ao nome daquela interessante e evocativa quinta.

O primitivo senhor da referida propriedade, seguindo sentimentos dos seus antepassados, mandava distribuir diariamente pelos pobrezinhos da região sopa e um bom naco de pão trigueiro.

Os contemplados, para amolecer o duro pão, molhavam-no na fumegante sopa.

Hábito esse que, por se repetir tantíssimas vezes, levou os protagonistas da casa a chamar á generosa e dadivosa propriedade Quinta de Molhapão, nome que evoca a caridade e generosidade de uma bela e cristã alma.

De Portuguesa e Cristã Vigia a Linda Quinta

Arrimados á lenda, de que Sintra é campo fertilíssimo, falemos desta, do seu perfil varonil e guerreiro.

A gente lusa, acompanhada de diminuta falange estrangeira, acampou ánoitinha nas cercanias da Serra de Sintra.

O astuto e varonil rei pernoitou junto de seus esforçados e destemidos companheiros.

De manhã cedo, visitou acompanhado de escasso séquito os locais guarnecidos por sua tropa, ávida de escalar a íngreme e canseirosa montanha.

Atento ao mínimo movimento do inimigo, esteve em altaneiro sítio onde colocara guarda da sua maior confiança.

Daquele local avistava-se o cobiçado castelo infiel, o movimento do inimigo, seus preparativos e preocupações.

O principal responsável do citado baluarte ouviu atentamente as recomendações de D. Afonso Henriques e garantiu ao monarca o bom desempenho delas.

A vigilância e os constantes informes dali emanados muito contribuíram para o êxito das nossas forças.

Regozijando e satisfeito com o trabalho prestado por aquela guarnição, o monarca não só a elogiou como ao local lhe deu o nome de Vigia, denominação que a quinta ali edificada ainda hoje conserva.

Trocadilho Que Deu Em Nome De Povoação

Boa e hospitaleira gente habita a povoação, que não se poupa a esforços, a trabalhos e a sacrifícios para a tornar mais próspera.

Algo de interessante ali se tem realizado com a colaboração de todos.

Também esta modesta e pitoresca localidade possui a sua lenda. Ei-la, tal e qual m'a contaram.

A povoação - hoje pertença da antiquíssima freguesia de Santa Maria - era naqueles remotos tempos senhorio e feudo do primeiro senhor do título de Ribafria.

Aquele fidalgo, da privança e da amizade de D. Manuel, foi solicitada audiência para escutar as pretensões do referido lugar.

Na presença do Ribafria, a este foi pedido nome para a povoação, recentemente a despontar.

O sagaz e inteligente titular procurou saber dos solicitantes qual a razão da ida deles para aquelas paragens?

- Construir nosso lar.
- Muito bem. Está encontrado o nome para a vossa terra.
- Não percebemos, senhor.
- Lar. Mas dissei-o ao contrário.

Foi deste modo simples que foi achado o nome da localidade: Ral, cuja denominação ainda dura e, certamente, pelos séculos dos séculos.

Senhor da Serra

Aquela quinta grande - também chamada dos marqueses de Belas - foi senhorio de um dos executores da real sentença contra a formosa e pérfida Inês; tablado cruento do choro vertido pelo "Cruel" após a morte trágica da amante; o abrigo certo e seguro da infanta D. Brites nas suas maquinações políticas em benefício de seu venturoso filho Manuel, contrariando os desígnios de "O Perfeito".

Tudo isto é autêntica história de nós bem conhecida. Contemos, portanto, algo da aliciante lenda.

Senhor da Serra

(Cont.)

O dorido príncipe, jurando vingança, deixou a cidade dos letrados e refugiou-se em Belas na Quinta Grande, residência do negregado e desumano Pacheco.

Executou obras e alindou o edfficio. Contratou artifices e edificou belo Paço. Delineou jardins e planeou outros atractivos. Devotadamente assalariou serviçais e chamou à sua presença um hábil e imaginário e um obralizado "ermideiro". Os convocados apressaram-se e o futuro monarca ordenou-lhes rápida confecção de uma capela nas cercanias do palácio, mas dentro da Quinta Grande.

No último domingo de Agosto daquele ano, após completa conclusão da capela e da imagem, o ainda príncipe, mais aliviado do seu desgosto, promoveu vistosa romaria, tão do agrado do povo, à qual mandou dar o nome do Senhor da Serra.

Parece ter sido assim o nascimento daquela formosa e muitíssima concorrida romaria desaparecida há tempos do calendário das festas e romarias do cancelho sintriniano.

De Templo Pagão A Igreja Cristã

A rústica povoação de Janas, na freguesia de S. Martinho (Sintra), possui curiosíssimo templo dedicado a S. Mamede, protector dos animais.

Igreja de interessante planta circular. "No interior, muito simples, um banco corrido, em toda a circunferência, interrompido apenas no altar-mor. No centro do templo, uma surpreendente coluneta, circular, sustentando um tambor que liga ao tecto. Púlpito do século XIX (1881) e estuque marmoreado da mesma época. Exteriormente pequena galilé".

Fomos longos na transcrição para melhor descrever o interessante templo que, tem sugestiva lenda, que sucintamente narramos.

Gema, Jana, Juno, tiveram ali culto nos remotos tempos do Império Romano.

De Templo Pagão a Igreja Cristã
(Cont.)

As três divindades foram vencidas por Janas, filha da deusa Lua, que habitava na Serra de Sintra, onde lhe fora erigido grande templo, construído em sua honra por um imperador romano.

À deusa Janas, filha primogênita de Neptuno, os romanos dedicaram-lhe um altar muito concorrido pelos habitantes do lugar, a qual imploravam protecção para seus numerosos gados.

Janas, ambiciosa e orgulhosa de seu poderio, revoltou-se contra a Grande Divindade, que a reduziu a pequeno curso de água á qual o povo começou a chamar Ribeira de Janas, dando origem ao nome i da povoação que lhe fica perto.

Vencidos os mouros que sucederam aos romanos, os primeiros cavaleiros portugueses encontraram o referido altar e servindo-se dele como suporte edificaram o actual templo.

Barroca Cristã a Histórica Quinta

Refere a lenda, arrimada á tradição, que no Bairro do Cacém, por onde serpenteia a Ribeira da Jarda, se acoitou homem justo e bom, cristão e virtuoso, o qual escavou com as próprias mãos barraca para seu viver.

Naquele sáfero, arenoso, e pedregulhoso terreno fazia as suas orações e penitência.

Comendo do pouco que lhe davam, levava vida edificandê. Ali acorriam diversas Pessoas ávidas de o ouvir em seus salutaes conselhos.

D. Domingos Jardo, chanceler do rei e bispo de Lisboa, soube da existência do Santo homem e foi visitá-lo em sua barraca.

Aquelas almas de eleição tiveram demorado colóquio, do qual resultou avultada esmola concedida pelo ilustre visitante destinada aos pobres e famintos daquelas redondezas.

O inteligente chanceler convidou o penitente a hospedar-se em seu paço de Lisboa ou ou nos mosteiros dos monges azuis fundados por ele em Évora e na capital.

O santo da barraca, nome como era conhecido, agradeceu as intenções e os propósitos do bondoso bispo, mas não aceitou o convite.

Barroca Cristã a Histórica Quinta
(cont.)

Contristado e pesaroso, o chanceler voltou a Lisboa, informando-se amiúdadamente da vida do austero religioso e homem de largas virtudes.

Grande e frutuosa missão realizou o santo varão, reconhecido pela gente daqueles sítios.

Depois de longa e operosa existência, o Senhor levou-o para a Sua Santa Morada.

O local foi sempre conhecido pelo nome de Barraca, dando origem à quinta da mesma denominação.

De Repelente Alcunha a Nome Reluzente

Dono de tão férteis terrenos, que faziam inveja a quem os contemplasse, o pobre homem, contudo, vivia triste e aborrecido.

Não falava a ninguém.

A gente sua vizinha, não lhe conhecendo o verdadeiro nome, pusera-lhe a alcunha de Baraca.

Resignado à sua sorte e à condição de esforçado e competente agricultor, o silencioso mouro não tolerava a desdenhosa alcunha.

Fugia ao convívio do semelhante, especialmente do rapazio.

As autoridades, atentas aos movimentos do cristão inimigo, ordenaram rigoroso censo para aquilatarem do número de homens com que podiam contar.

Abrantes, Leiria e Santarém já eram portuguesas. Sintra e Lisboa, recebendo reforços guerreiros daquelas fortalezas, preparava-se para rechaçar os contingentes do bravo e valente Afonso Henriques.

Calhou de passar Zeilão - o mais categorizado mouro estremenho - por terras do enigmático Barata, que logo fugiu quando o viu. Indo no seu encalço, Zeilão inquiriu da sua apressada fuga e da razão do seu insólito procedimento.

- Todos me tratam por Baraca, o leproso.
- Tens razão. Qual é o teu nome?
- Não sei, senhor.
- Porquê?
- Certamente porque meus pais não me recensearam.
- Tens terras?
- Pouca coisa.

De Repelente Alcinha a Nome Reluzente

(cont,)

- Onde?

- Em local bem próximo daqui e o restante nos penobres de Algueirão.

Zeilão as primeiras citadas . Achou-as bem cuidadas e, dirigindo-se a Baraca, disse-lhe:

- Desejas ter um nome?

- Sim.

- De hoje em diante serás chamado Albarraque.

- Qual o seu significado?

- Teu nome quer dizer: Homem possuidor de terra reluzente, brilhante, resplandecente,

Gostas do nome e do seu significado?

- Sim. Alá seja contigo!

Foi assim e ainda hoje o é - Albarraque.

CINCO ALTOS
DE NOMES IGUAIS E APELIDOS
DIFERENTES

O Senhor, Deus Todo-Poderoso, criava o mundo e preparava-se para moldar e edificar a Serra de Sintra, quando ouviu solicitações dos materiais a empregar naquele cometimento.

Prosseguindo a lenda, o Criador ouviu um a um os solicitantes e de comum acordo arranhou solução para os pedidos formulados. O Grande Arquitecto, afável e sorridente, docemente reparou em cinco rochas que nada pediram. Inquirindo do seu mutismo, aqueles fraguados solicitaram mudança de nome. Não desejavam ser chamadas rochas, penhascos, ou fraguados.

Serão Penhas!

Ficaram contentíssimas e aproveitando o feliz momento, rogaram do Criador mercê para lhes dar o respectivo apelido.

Segundo a lenda começaram a ser conhecidas pelas denominações seguintes:

PENHA FERRIM - Firme nos intentos e pertinaz nos cometimentos.

PENHA LONGA - Por ser a maior e ainda serás sede de grande comunidade cristã.

PENHA DA PENA - Fervorosa na devoção a Santa Maria.

PENHA VERDE - Viva e verdejante verás e albergarás leal e Santo varão, dos maiores que habitaram estes sítios.

E olhando na mais pequena:

- Tu serás a PENINHA na qual aparecerá minha Mãe.

E acabou-se a lenda...

=====



1968

Lendas e Tradições
Sintrenses

Recolhidas e relatadas por
Luiz da Cunha e Oliveira

INDECE

- Vale de Flôres - Vale de Porcas
- Sintra Vigia da Índia
- Fundação do Convento da Santíssima Trindade
- Lendas e notas etimológicas de Colares (11 versões)
- Um agente secreto de D. Carlota Joaquina no Palácio do Ramalhão
- Milagre no Cabo da Roca
- A Moura encantada no Jardim da Lindaraia
- Gruta da Fada
- Lendas e tradições do Solar de Ribafria
- "Queluzias"
- A Fonte dos Noivados
- Lenda do Templo da Lua
- Contrato de " Bem-Viver "
- Hospitalidade e proveito
- Nomes e tradições das portas e Torres do Castelo dos Mouros
- São Bento do Ramalhão
- De Pedreiro a Ermitão
- A Cruz de Frei Honório
- Amores de D. Sebastião
- O Túmulo dos Dois Irmãos (6 versões)
- Fundação da Igreja de Santa Maria
- Hospitalidade do Convento de Santa Cruz
- A Lenda de Monserrate
- Lenda, tradição e história do Convento de Penha Longa (3 episódios)
- Jardim do Cardeal-Rei
- Gruta da Moura (Negrais)
- Lenda do Penedo dos Ovos (3 versões)
- A Lenda dum Beijo (6 versões)
- Lenda de Santa Eufémia (2 versões)
- Nossa Senhora da Pens (2 versões)
- Seteais (duas narrativas)
- Nossa Senhora de Melides (5 versões)
- Nossa Senhora da Peninha

VALE DE FLORES TRANSFORMADO EM VALE DE PORCAS

D. João VI, acompanhado de alguns fidalgos, caçava em terrenos de Vale de Flores, onde afluía a lebre e o coelho.

Dia de forte calor, o monarca suava e sofria de sede. Avistando casebre ao longe, para lá se dirigiu apressadamente e, batendo à porta, pediu água. Prontamente pobre camponesa a foi buscar em imunda caneca. O rei fechou os olhos e tragou sofregamente o líquido. Indagou o nome da povoação. Disseram-lhe que estava em " vale de flores ".

D. João VI, fixando a velha que lhe trouxera a água, replicou: - De hoje em diante, esta terra passará a chamar-se Vale de Porcas.

(Ouvida e reproduzida por L.C.)

SINTRA VIGIA DA INDIA

A doze milhas náuticas do Cabo de Peniche dobrámos o alto promontório do Cabo da Roca, chamado comumente pelos marítimos ingleses the rock of Lisbon, e que forma a última ramificação da Serra, que de Sintra se dirige para o Oceano.

Em um dos mais elevados cabeços vê-se meio envolvido em núvens o Castelo da Penha. Parece daquela posição sobranceira imperar livre e ousadamente sobre o mar, e a terra. Esta formosa Penha que eu mais tarde tantas vezes, e com tanto prazer visitei, afigurou-se-me sempre como o habitação de uma águia real; e seguramente foi um feliz pensamento do príncipe cavalheiresco, que a Alemanha deu como rei a este país, edificar seu castelo feudal sobre aquele cume, onde El-Rei D. Manuel ia todos os dias aguardar o regresso da frota de Vasco da Gama.

Príncipe Lichnowsky

FUNDAÇÃO DO CONVENTO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

Da Relação do Castelo da Serra de Sintra, de Francisco de Almeida Jordão, edição de 1874, transcreve-se:

O Convento da Santíssima Trindade do arrabalde de Sintra é fundado em um sítio aprazível, e muito ameno. Não se acha no seu cartório o ano da sua fundação; porém dizem, que vindo o Senhor Rei D. João o I ver este sítio, achou nele Frei Álvaro de Castro que na companhia de outro religioso assistia em umas covas, donde hoje é a cerca, tendo ao pé uma ermida de Santo Amaro; vendo o solitário do sítio, e a incomodidade com que viviam, lhes ordenou fizessem um convento, para o que concorreu muito.

COLARES

Aludindo a nomes de povoações provenientes de acidentes geográficos locais, escreveu Leite de Vasconcelos o seguinte; acerca do étimo de Colares, antiquíssima e aprazível povoação do concelho de Sintra.

" Colares (Col-ar-es, de Colo ,lat.Collum) ".

Julgo que estas simples palavras bastam para elucidar suficientemente o leitor; em todo o caso, seja-me permitido transcrever do II Vol. dos " Topónimos Gentilícios ", de Xavier Fernandes, o passo que segue:

" Já se escreveu que o nome provém de dois colos ou colinas sobranceiras à pitoresca e amena várzea, o que não parece muito verosímil; por outro lado e desde mais de meio século se tem afirmado que Colares proveio de Castelo de Colir, edificado pela Condessa de Compa, Senhora Alemã, que não lhe chegando o dinheiro para essa edificação o obteve de Zeilão, senhor de Lisboa, sob o penhor de dois Colares e sob a cláusula de que, se não pagasse o débito em certo tempo, lhe seria tirado o castelo. Liquidado e empréstimo no prazo marcado, a condessa pôs ao edifício o nome de Castelo de Colir, em memória do citado contrato, e daí ficou à povoação o nome de Colares. Reproduzida a historieta, tal a lemos numa velhíssima revista, resta dizer que o topónimo pode, de facto, ter resultado do simples

aproveitamento do nome comum, colar, cujo étimo é o latim colla^{re}, de collum, pescoço, e que significa mesmo colar, coleira ou golinha". Temos, portanto, de um lado a hipótese de Leite de Vasconcelos, a qual tem por si dois exemplos de topónimos de formação análoga -Colares (Col-ar-es), de-colo, e Poiares (Poi-ar-es) do latim podium, poio - e de outro lado, a história do Castelo de Colir, acima referida, história que, no meu entender, não passa de mera lenda toponímica.

J. Diogo Correia

DO NOME DE COLARES

" Mais Um Pormenor "

O nome de Colares, que se afigura derivar-se das duas colinas em que a Vila está assente, tem, não obstante, a sua lenda. Conta-se que uma senhora mourisca, encantada pela beleza do sítio, desejava formar aqui uma povoação.

Como porém não tivesse posses para isso, recorreu a Zeilão, mouro abastado, que residia em Lisboa, pedindo-lhe dinheiro, ao que o mouro aquiesceu, aceitando em garantia os Colares da entusiástica dama.

(Do Guia de Portugal, de
Francisco José de Almeida)

MAIS UMA VERSÃO ETIMOLÓGICA DE COLARES

Do Guia de Portugal, de Francisco José de Almeida, edição de 1880, transcreve-se o seguinte:

O nome de Colares, que se afigura derivar-se das duas colinas em que a vila está assente, tem, não obstante, a sua lenda. Conta-se que uma senhora mourisca, encantada pela beleza romântica do sítio, desejava aqui formar uma povoação. Como po-

rém não tivesse posses para isso, recorrem a Zeilão, mouro abastado, que residia em Lisboa, pedindo-lhe dinheiro, ao que o mouro aquiesceu, aceitando em garantia os colares da entusiástica dama.

COLARES

" Mais Uma Versão do Seu Nome "

Dá-se como origem do seu nome, o estar assentada sobre duas colinas; outros pretendem vê-la no Castelo de Colir, cuja edificação atribuem à Condessa de Compa, dama alemã que, fugindo a perseguições políticas, embarcou com seus filhos, e abordando a enseada onde hoje existe a Praia das Maçãs, navegou nã acima, desembarcando numa das margens, e seduzida pela punjante vegetação que encontrou, ali fixou residência. Há porém quem veja a origem do nome de Colares, na seguinte lenda: Habitando uma profunda caverna, covil horrível de seus sanguinários feitos, um novo Caco foi vencido por Alcides. Conhecida a notícia da sua morte, todos correram ao terrível antro para admirar o gigante cujo corpo preso por fortísimos colares, foi arrastado pelo campo, e esquartejado, sendo celebrado o triunfo pelo povo, que ergueu altares a Alcides. Outra tradição afirma, ser origem do nome, o facto de, sendo o mouro Zeilão, senhor de Lisboa, uma dama lhe ter pedido dinheiro emprestado para aqui fazer um Castelo, dando-lhe em penhor os seus Colares.

(De Cyntra, N^o3, 1908)

ETIMOLOGIA E HISTÓRIA DA VILA DE COLARES

" Mais Outros Apontamentos "

Vila antiquíssima, e de cuja origem pouco se conhece, ignorando-se quem foi o seu fundador. Foi ocupada pelos romanos, como o atestam as medalhas e inscrições romanas ali encontradas, e depois das diferentes alternativas porque passou a península entrou no domínio da coroa Portuguesa, tendo sido conquistada aos mouros em 1147 por D. Afonso I. Deu-lhe foral D. Afonso III em 1255, conferindo-lhe D. Manuel novo foral em 1516. Tem o seu

" Mais Outros Apontamentos " Cont.

nome origem, segundo os melhores autores, nos dois colos ou gargantas por entre os quais se estende a povoação. Outras origens porém dá-lhe a tradição, como a de sendo o mouro Zeilão senhor de Lisboa, uma dama lhe pedir dinheiro emprestado para ali fazer um castelo, dando como penhor os seus colares; a de que a Condessa de Compa, dama Alemã, ali fundou o Castelo de Colir; e a de que um sanguinário monstro que ali habitava tenebrosa caverna foi morto, e arrastado depois o seu corpo ensanguentado amarrado por fortíssimos colares. D. João I fez desta Vila doação a D. Nuno Alvares Pereira, logo depois da memorável batalha de AljuBarrota, passando em seguida aos seus descendentes, até que pertenceu à Infanta D. Beatriz, irmã de D. Manuel, tornando, por morte dela, a ser da Coroa. No tempo dos Filipes, D. Dinis de Melo e Castro, bispo de Leiria, Viseu e Guarda, estabeleceu ali a sua residência, pedindo e alcançando para esse fim o velho castelo, que transformou num palácio em cujas ruínas foi construído recentemente um edifício escolar. Constituiu um concelho que foi suprimido por Decreto de 24 de Outubro de 1855 e incorporado no concelho de Sintra, constituindo hoje uma paróquia, sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção. Teve Misericórdia, fundada por D. Dinis de Melo e Castro, no século XVII, com a ajuda do povo e que por alvará de 14 de Fevereiro de 1862 foi anexada à de Sintra.

(De Cyntra, Nº3, de 1908)

ETIMOLOGIA DE COLARES

" Mais Um Testemunho "

Tomou esta Vila o nome de Colares provavelmente por estar assentada sobre dois colos ou colinas sobranceiras à Várzea. A etimologia que lhe dão, o nosso célebre João de Barros, no seu Clarimundo, e o autor da Ulisseia poremos aqui mais para recreio do leitor do que utilidade. Diz pois o historiador no

" Mais Um Testemunho " Cont.

romance que inventou que esta Vila tivera principio no Castello de Collio, edificado pela Condessa de Compa, senhora natural da Alemanha, que residia na Dinamarca. Tendo-lhe o principe desta terra morto o marido, esta nova Dido, temerosa das consequências que a ameaçavam, tendo junto as suas jóias e acompanhada de alguns dos seus, e de três filhos, tendo-se embarcado em duas naus, abordou a estas praias e, subindo o rio acima, atraída da amenidade do sítio, resolveu-se fixar-se nele, e buscar descanso aos seus trabalhos. Sabendo que aquelas terras pertenciam a Zeilão, senhor de Lisboa, lhe demandou parte delas para nela habitar reconhecendo-se como tributária, cujo régulo anuiu com a condição de lhe comprar a terra por cem pesos de ouro e trezentos de prata. Não tendo a Condessa o dinheiro necessário lhe deu em penhor três colares de ouro com a condição de que não sendo resgatados em três anos, ficariam pertencendo ao dito Zeilão. Feita a compra, a Condessa logo tratou de edificar com os seus o Castelo, ao qual em memória do penhor chamou Colir, e junto a ele se construiu a povoação que hoje se chamou de Colares, do qual derivou o nome.

Vejamos agora a invenção do nosso poeta Gabriel Pereira de Castro na sua Ulisseia. Um novo Caco por nome Fitodemo devastava estes sítios, e neles habitava em uma profunda caverna, horrendo covil das suas sanguinosas presas, o qual foi vencido e morto por Alcides. Divulgada a notícia da sua morte, por os povos daquela terra ninguém ficou sem ver a caverna, horrível habitação do gigante, despovoaram-se os campos para ver o corpo ensanguentado, que arrastaram com fortíssimos Colares, ergueram-se altares a Alcides.

E o tempo gastador que tudo come
De Colares conserva o próprio nome.

(De Portugal Pitoresco
Edição de 1847)

COLARES

" Etimologia do Seu Nome "

" Etimologia do Seu Nome "

Acerca da etimologia do nome de Colares a confusão é igualmente enorme. Parece, porém, (e esta é a opinião mais seguida) que o nome lhe proveio de dois colos ou colinas sobranceiros à pitoresca e amena várzea. O nome de Colares vem do Castelo de Colir, edificado pela Condessa de Compã, senhora Alemã, que não lhe chegando o dinheiro para essa edificação, o obteve de Zeilão, senhor de Lisboa, sob o penhor de dois Colares e sob a cláusula de que, se não pagasse o débito em certo tempo, lhe seria tirado o castelo. Tendo pago e satisfeito a quantia pedidano prazo marcado, a Condessa pôs ao edifício o nome de Castelo de Colir, em memória daquele contrato, e daí ficou à povoação o nome de Colares.

(Do Arquivo da História Pátria, Vol. II-1898) (Pag. 254).

Xavier Fernandes no seu livro Top. e Gent. Vol. II-1944-pag. 295, reproduz a historieta que atrás refiro, e acrescenta o seguinte: " Reproduzida a historieta, tal qual a lemos numa velhíssima revista, resta dizer que o topónimo pode, de facto, ter resultado simples aproveitamento do nome comum, colar, cujo étimo é o latim Collare, de Collum, pescoço, e que significa mesmo colar, coleira ou golinha."

(Do livro " Lendas-Historietas-Etimologias Populares e outras Etimologias respeitantes às Cidades, Vilas, Aldeias e Lugares de Portugal Continental-Compilações, de Alexandre de Carvalho Costa).

RAZÃO ETIMOLÓGICA DO NOME COLARES

Dá João de Barros no seu Clarimundo a razão etimológica do nome Colares que curioso se torna referir, apenas porque a lenda tem certa poesia. Conta o historiador que residia uma Condessa de origem Alemã, na Dinamarca, tendo-lhe sido assassinado o marido pelo príncipe deste país. Desolada, a Condessa, juntou as suas jóias e, acompanhada de três filhas

RAZÃO ETIMOLÓGICA DO NOME COLARES (Cont.)

e de pequena comitiva, fez-se ao mar, vindo desembarcar nestas praias. Seduzida pela amenidade do clima e pela beleza da região, resolveu fixar-se nestas paragens por lhe parecer que aqui teria sossego e estaria ao abrigo de novos perigos. Sabendo, porém, que estas terras pertenciam a Zeilão, senhor de Lisboa, a este requereu autorização para nelas assentar residência, conseguindo-o mediante a condição de pagar cem pesos de ouro e trezentos de prata.

Como não tivesse o dinheiro necessário, entregou como penhor três colares de ouro para serem resgatados em três anos, conforme fosse pagando o tributo combinado.

Uma vez aceites as condições, edificou a Condessa o Castelo que em memória do penhor chamou de Colir e do qual nem mesmo as ruínas existem já e junto a ele se fundou a povoação que pelo mesmo motivo ficou a chamar-se de Colares.

OLIVA GUERRA

(Roteiro Lírico de Sintra)

ETIMOLOGIA DE COLARES

" Outro Testemunho "

Do Dicionário abreviado da Corografia, topografia e arqueologia das cidades, vilas e aldeias de Portugal, transcreve-se o seguinte:

A Etimologia da palavra Colares deriva-se talvez da posição da Vila sobre dois colos, ou do penhor de uns colares, que uma dama fez a Zeilão quando senhor de Lisboa, com o fim de edificar ali o seu Castelo de Colir ou, finalmente, de um Fitodemo que havendo devastado estes campos, foi morto por castigo e arrastado por fortíssimos colares. Reputa-se mais provável, segundo diz António da Cunha, a primeira destas duas últimas origens etimológicas.

OUTRA VERSÃO DE COLARES

Gabriel Pereira de Castro, na Ulisseia, descreve-nos a seguinte

narrativa, referente a Colares: Um gigante, Phitodemo, habitava naqueles sítios em uma caverna profunda, que servia de covil às suas presas sanguinárias. Ninguém ousava defrontar-se com ele, até que, Alcides se dispôs a combatê-lo e vence-o, matando-o.

Conhecida a notícia, despovoaram-se os campos. Todos quiseram ver a fera abatida, e envolvendo-lhe o corpo com fortes colares, o arrastaram.

A Alcides, em acção de graças pelo feito, se ergueram altares.

(Transcrição da História de
Sintra, de Alfredo Leal)

A ETIMOLOGIA DE COLARES

" Outra Opinião e Outra Versão "

A Etimologia de Colares vem de dois colos ou colinas, em que a povoação está assente. Outros são de opinião que vem do Castelo de Colir, outrora edificado pela Condessa de Compa, senhora Alemã, que não tendo dinheiro para essa edificação, o obteve de Zeilão, senhor de Lisboa, sob penhor de dois colares e com a cláusula de que se não pagasse, o débito até certo tempo, lhe seria tirado o Castelo. Tendo paga e satisfeito a quantia pedida no prazo marcado, a Condessa pôs ao edifício o nome de Castelo de Colir, em memória daquele contrato, e daí ficou à povoação o nome de Colares.

(Da autoria de A. Silva Pereira
- 1888)

UM AGENTE SECRETO DE D. CARLOTA JOAQUINA

Do outro lado da fronteira tinha ela seu irmão em condições quase idênticas às suas. Cativo se encontrava ele também, por assim dizer, em Cádiz, onde os constitucionais vitoriosos, para segurança própria, o vigiavam cautelosamente. E aí, nesse cativo, amargava Fernando VII as violências que fizera praticar quando tomara conta do ceptro castelhano. Mas esse cativo do rei e esse predomínio dos leberais não

UM AGENTE SECRETO DE D.CARLOTA JOAQUINA Cont.

duraria muito porque, como atrás dissemos, a Santa Aliança , em breve interviria, restituindo a Fernando o seu poder absoluto.

Era bem natural, portanto, que os dois irmãos (Carlota Joaquina e o referido Fernando VII) se pusessem logo em comunicação, combinando entre si os meios de se livrarem da deprimente situação em que se encontravam.

Diz-se que um certo fidalgo espanhol servia de intermediário entre eles, e que, por ser muito rigorosa a espionagem queo governo mantinha em volta do Ramalhão, o hábil comissário se disfarçava com um traje de camponês e que assim podia aproximar-se da rainha.

César da Silva

MILAGRE NO CABO DA ROCA

Num retábulo pintado no interior da Igreja, que está ao pé do farol da guia, (Cascais), datado de 1858, lê-se:

" No Cabo da Roca obrou esta Senhora um prodígio segundo é constante tradição nesta terra, dela desapareceu um dia de casa de sua mãe um menino, cuja idade seria de cinco anos, sem que a triste mãe pudesse saber onde estava: já o presumia caído de alto penhasco abaixo no mar, e afogado já o deplorava, morto de algum infausto successo na terra, se bem que a verdade era que umas bruxas lhe tinham arrebatado de casa e o foram lançar em um despenhadeiro em que um monte sobre o mar, que confina para aquela parte da Guia. Aos choros que o menino dava acudiram uns pastores de gado que dando noticia à Vila, saíram muitos com a desconsolada mãe a socorreram a Inocência. Não foi o que custou tirarem-no por o fundo inacessível do despenhadeiro e alegres todos pelo verem em perigo lhe perguntou a mãe quem o metera ali; e quem lhe dera de comer havia tantos dias? o que o menino satisfez e disse que umas mulheres o trouxeram pelo ar e atiraram com aquela cova, porém que uma senhora muito formosa lhe levava todos os dias umas sopinhas de cravos para ele comer veio a mãe e todos à Igreja

renderem as graças à Senhora, e assim que o menino viu a Senhora no altar e disse estas formais palavras: Ó mãe, eis ali está a senhora que todos os dias me dava as sopinhas de cravos para comer. Chamou-se este menino José Gomes demos de alcunha o Chapinheiro, e foi nesta praça (Cascais) depois insigne cirurgião-mor do Regimento e muito prático em medicina e grande Filósofo, e o tal milagre o viu muita gente em um quadro estampado em um templo na Guia, que com outros que a mesma Senhora livrou muitas embarcações de cativos e dos mouros consumiu o tempo.

(Relatado por Joaquim Fontes)

JARDIM DE LINDARAIA

A lenda diz que o Jardim da Lindaraia (Palácio Nacional de Sintra), era o local onde vinham as mouras ao sair do banho respirar a frescura do ar, e o perfume embalsamado das flores, e que ainda hoje ali aparece uma delas que se enfeitçou de amores com um cristão.

(De Portugal Pitoresco,
edição de 1847)

GRUTA DA FADA

Gruta formada por uma imensa rocha de granito, apoiada em dois rochedos que a flanqueiam. Diz a lenda que uma fada todas as noites, cerca da meia-noite, ali vai carpir o seu destino.

A referida gruta fica na estrada para a Pena, à esquerda de quem sobe, quase ao chegar ao portão principal do Parque da Pena.

(De Cyntra, Nº 6, 1912 /)

LENDAS E TRADIÇÕES DO SOLAR DE RIBAFRIA

O Solar de Ribafria foi mandado edificar em 1541 por Gaspar Gonçalves, a quem D. Manuel, por alvará de 16 de Setembro desse ano conferiu o senhorio de Riba-Fria, dando-lhe um braço de armas, e permitindo-lhe usar esse apelido.

Além do seu valor histórico, o palácio de Riba-Fria é digno de nota pela sobriedade e correcção de linhas da sua arquitectura genuinamente manuelina, constituindo um dos mais belos exemplares da antiga arquitectura civil Portuguesa.

Sobressai de seu todo uma torre quadrangular de pouco mais de trinta metros de altura, erguendo-se altiva no verdadeiro vale, junto ao rio de Lourel, na base da encosta que o domina.

Foi essa torre construída, segundo reza a lenda, para que o proprietário de Riba Fria dali pudesse avistar Penha Verde, que a esse tempo lhe pertencia, como descendente do fundador D. João de Castro; querem porém outros que ela se destinasse apenas para se poder avistar o mar, o oceano imenso, a que se prendiam as nossas tradições guerreiras, os arrojados sublimes de toda a glória cavalleiresca de uma época, cuja história é um poema. No ângulo do poente dessa torre, está o escudo de Riba-Fria esculpido em pedra. Merecem especial menção, o grande tanque, em cujas águas tranquilas se espelha em toda a extensão o vetusto edificio, e uma magnífica cisterna, como uma vasta sala com a sua abóboda de cantaria apoiada em arcos e colunas de eterna solidês.

É também tradição que foi nesse palácio, outrora sumptuoso, que o rei afortunado D. Manuel I, patrocinado por Gaspar Gonçalves, bastas vezes se deleitou em aventuras amorosas, com certa dama da sua predilecção. Ali se deram festas principescas, e bailes de grande esplendor, onde se reunia tudo que de mais nobre e distincão nessa época existia.

.....

Chegou até nós esta lenda dos tesouros de Riba-Fria:

Um dos descendentes de D. João de Castro, escondeu na torre do palácio importantes tesouros que trouxera da Índia, e receando qualquer assalto nunca daí os tirara, devendo ter permanecido

ocultos, em parte ignorada, ainda muito depois da sua morte. Outra versão diz-nos:

Que tendo falecido repentinamente um velho serviçal, conhecedor do local onde se ocultava o tesouro, dali o retirara, e para que não fosse descoberto esse furto, enterrara a maior parte dessas jóias, por diversas partes dos arredores do palácio. Esta segunda versão veio avigorar-se ainda mais no espírito crédulo do povo, quando, pelos anos de 1875 a 1877, numa pedreira em exploração ali próximo, foi encontrado um bracelete de ouro maciço com 1.600 grs. de peso, e que foi objecto de larga disputa entre o proprietário da pedreira e o dos terrenos contíguos, decidindo-se o pleito ao cabo de vinte anos.

Faria esta jóia parte do tesouro de Ribafria? É possível. O que é fora de dúvida é que no palácio ou na torre nada existia, tendo sido infrutíferas todas as buscas ali realizadas há mais de vinte anos, quando o palácio saiu da posse da casa do Conde de Penamacor, para um novo proprietário. No entanto, há ainda quem afirme que nessas buscas alguma pequena parte do tesouro foi encontrada pelos operários, na ausência do proprietário, que nunca dela teve conhecimento.

(De Cyntra, Nº 4 , 1908)

" QUELUZIAS "

" Lenda Ou Realidade "

A Rainha D. Maria I, que era uma Senhora ilustrada e de Juízo, tanto que, apesar de lhe fazerem perder algum, nunca o perdeu de todo, considerava muito o Dr. Félix de Avelar Brotero; andando por isso a inteligente soberana, a passear com ele na bonita e famosa mata que aqui há (Queluz), viu por acaso entre os artoz a engraçada flôr silvestre, que hoje a ciência tem classificado com o nome de Fuchsínia; flôr que se tem multiplicado em formosíssimas variedades.

A soberana com a entusiástica admiração de uma senhora e intimação de uma princesa, disse:- " que linda flôr! "- e acompanhou a admiração com a pergunta. - " Ó Brotero, como se chama

" QUELUZIAS "

" Lenda Ou Realidade "

esta flôr? - O doutor, ou por que se não lembrasse, ou porque a não tivesse ainda classificado, respondeu sem hesitação, " Queluzias " minha senhora; e daí provém ser a flôr conhecida em Portugal, por este nome, e também pelo de brincos de princesa.

(Do Guia de Portugal, de Francisco José de Almeida, edição de 1880).

FONTE DOS NOIVADOS

Próximo da graciosa localidade da Eugaria, existia modesta fonte de finíssima água, que tem a sua história. Na noite de São João, não faltava nenhuma das raparigas daquelas paragens, a vir à meia noite beber água e lavar-se nessa fonte, romagem que diziam elas lhes deparava noivos. Parece, assevera a tradição, que aquele sistema hidro-matrimonial dava seguros resultados. Nenhuma deixava de se casar.

(Narrativa recolhida pelo copilador a idónea Senhora)

LENDA DO TEMPLO DA LUA

Do já citado Guia de Portugal, de Francisco José de Almeida, transcreve-se o seguinte:
Antigamente (Serra de Sintra) era conhecida pelo nome de Promontório Magno, ou da Lua, e é fora de dúvida, que no tempo da dominação romana os povos, que habitavam nesta serra, edificaram ali um templo, que primeiramente quiseram dedicar ao imperador Octaviano Augusto II, e que por este não consentir, o consagraram à Lua; como chamassem a este planeta Cinthia pois, se derivou com pouca corrupção o nome de Sintra. Estas memórias históricas acham-se confirmadas por vários cipos e outras pedras com inscrições, que se descobri-

ram na mesma serra, e que se podem ver nas obras dos nossos antiquários.

CONTRATO DE BEM VIVER

Foi nesta Vila de Belas em que vamos entrar, que o senhor rei D. João VI, fez as pazes com sua esposa, a senhora D. Carlota Joaquina, em relação a uma das repetidas discórdias em que sempre viveram os régios consortes. Para perpetuar a memória daquele notável amplexo, ou termo de bem viver, mandou o marquês de Belas erigir na quinta onde os soberanos se encontraram, um bonito obelisco, onde a figura da Fama figurava a anunciar o facto célebre, de pouco verdadeira sinceridade, por isso que depois se patentearam novas discórdias entre os dois esposos, cujas effigies a fama tem na mão.

A crítica e o sarcasmo que tudo aproveita para o lado do ridículo, não poupou aquelle monumento, e um desses traiçoeiros e pouco dedicados vates - por vezes engraçados, escreveu ali a lápis as seguintes quadras:

Ninguém estranhe que a Fama
Subisse apenas três varas;
Pois julgou ser asneira,
Levar mais longe tais caras.

Eu só estranho que a Fama!
Aceitasse tal missão!
Sendo, segundo consta
Uma fraca comissão.

Hoje que tudo se compra,
Compraram talvez a Fama,
Tiram-na do seu trono,
Para a deitarem na lama.

Antigamente havia neste sítio "Pero-Pinheiro" um costume notável. Quando as pessoas reais passavam aqui, paravam sempre nesta localidade, e como não havia fonde perto, vinham as mulheres do sítio com alguidares cheios de água, mitigar a sede ao gado de serviço, o que os reais viajantes largamente recompensavam .

Com a esperança também de recompensa, estendeu-se esse serviço ao gado de todos os viajantes que aqui passavam, o que dava à povoação um certo ar de boa hospedagem.

(Transcrição do Guia de Portugal,
de Francisco José de Almeida)

NOMES E TRADIÇÕES DAS PORTAS DO CASTELO DOS MOURGS

Da curiosa Relação do Castelo da Serra de Sintra, de Francisco de Almeida Jordão, anotamos que a chamada porta da Traição , " Foi por onde os nossos valorosos portugueses conseguiram o serem senhores do dito castelo ". A torre de Omenagem ou de Menagem, por ser a principal do Castelo. A mais alta e a mais formosa se chamava a Torre Real, nela se colocava o estandarte régio.

O Castelo " duas vezes no ano é guardado pela gente do termo de Cascais, que vem nele assistir de noite, e fazer fogos , para sinal, que estão nele; por cujo motivo lhes é concedido p privilégio de pagarem meia jugada (antigo tributo que incidia sobre as terras lavradas).

SÃO BENTO DO RAMALHÃO

O Palácio do Ramalhão, tão cheio de episódios históricos , residência predilecta da rainha D. Carlota Joaquina, que as irmãs dominicanas transformaram em nossos dias em excelente colégio, que honra Sintra e seu concelho, existia uma capela que

possuia uma linda e bem trabalhada imagem, que o povo dizia ser de carne, parecendo que estava dormindo, representando um belo jovem. Diz a lenda que era o corpo de São Bento.

DE PEDREIRO A ERMITÃO

O culto e a devoção a Nossa Senhora da Peninha tornou-se caudalosa e chegou a muitos pontos de Portugal. Todos os anos se realizavam romarias. Vindo gente de muitas terras. Amealhou-se dinheiro e foram sucessivamente construídas várias ermidas, que foram sempre pequenas para a legião de romeiros que ali acorriam. Em 1673, diz a tradição, subiu a serra em penitência, Pedro da Conceição, moço de vinte e cinco anos, pedreiro, acompanhado de vários colegas, resolveu lá envergar o hábito da Irmandade do Carmo e deu começo a nova ermida.

A serventia existente para a ermida fazia-se com grande dificuldade, devido às escabrosidades da rocha, resolvendo aquele ermitão abrir nos penedos uma escada. O bondoso e virtuoso Pedro da Conceição ali viveu trinta e cinco anos, velando pelo templo e amparando os romeiros. Além da Igreja, edificou umas casas destinadas aos devotos e agricultou umas terras que lhe ofertou D Pedro II, para com o seu rendimento conseguir recursos para pagar a cera e a cângua do capelão.

Antes tivera uma demanda com os padres Vicentes, que pretendiam tomar posse da ermidinha e afastar o dedicado ermitão. O Arcebispo de Lisboa deu razão a Pedro da Conceição, que continuou as obras da Igreja, dotando-a de capela-mor e tribuna de mármore, dispendendo naqueles trabalhos e noutros quase todos os bens deixados por um seu parente que vivia no Ultramar.

Ao falecer, legou trinta mil reis ao ermitão seu sucessor e sessenta alqueires de trigo ao capelão encarregado da missa? Fora da porta da igreja fez o bom ermitão a sua sepultura, que tem o seguinte epitáfio:

Aqui jaz o ermitão de Nossa Senhora da Peninha, e Irmão Pedro pede um Padre Nosso, e huma Ave Maria, pelos bemfeitores.

A CRUZ DE FREI HONÓRIO

" Outra Versão da Tentação do Diabo "

Da curiosa Relação do Castelo da Serra de Sintra, transcrevemos o presente trecho que nos fala da tentação do diabo ao virtuoso Frei Honório:

Saindo do Convento de (Santa Cruz ou da Cortiça) para a parte de baixo do Carril, que vai dar ao penedo, em distância de tiro de espingarda, se venera uma cruz, que fez com o dedo em uma pedra tosca o venerável Fr. Honório de Santa Maria, aparecendo-lhe o demônio para impedir e confessar a uma pecadora, com a qual o fez desaparecer; e havendo vários incêndios na serra, assim que chegava o fogo a este lugar, se extinguia, ficando ileso desde a cruz até à cova da cerca onde habitava.

TENTAÇÃO DE FREI HONÓRIO

Um dos habitantes do Convento de Santa Cruz ou dos Capuchos, foi Frei Honório, homem de muita fé e de grandes virtudes. Muito estimado e respeitado dos habitantes daquelas redondezas, ali viveu durante trinta anos, sofrendo dolorosa e resignada penitência. Seu corpo jaz na Igreja daquele curioso convento. Diz-se que certa vez, Frei Honório encontrou pelos campos uma linda rapariga, " para quem não olhou ", mas que o forçou a fazer alto. Exigia-lhe que a confessasse. O virtuoso monge, naquele ermo não tinha confessor, e sem querer fixar a pequena, mandou-a para o convento em procura de outro confessor. A bela da moçoila não se conformou com a resposta e insistiu ao mesmo tempo com o bom religioso.

Rubro como um tomate, a suar em bica - isto passou-se em Agosto - apressou o passo, sempre seguido daquela que lhe pedia a absolvição ou penitência, até que, voltando-se e tapando o rosto com uma das mãos para fugir à formosura que o diabo incarnara para o tentar e perder, com a outra fez o sinal da cruz, a que a endiabrada e tentadora, respondeu com um grito, fugindo para não mais ser vista.

Do livro " Cartas de Sintra " da autoria de Alfredo Pinto (Sacavém), transcrevemos o trecho seguinte:

Foi motivado por esta visão que eu me recordei duns certos amores que o rei português sentiu aqui em Sintra por uma fidalga portuguesa. Ora Dom Sebastião, que foi um grande dançarino, não poderia amar à vontade? - À primeira vista parece que sim, mas lendo a crónica, o infeliz rei, foi contrariado nos seus propósitos.

A história deste amor tem a duração do sorriso das auroras, nasceu, viveu e logo morreu... Morreu?!... não digo bem, pois os amores foram gravados na alma e esta é imortal.

Vou-te contar que esta pequenina tragédia, entre dois jovens corações; aqui em Sintra, na Serra, puderam vibrar à vontade por uns momentos, longe da corte, que já nesses tempos como hoje, foi sempre um antro de intriga.

O Duque de Aveiro, Dom Jorge de Lencastre teve uma filha única, dizendo a crónica que era, " dama formosa ", bem feita e muito esperta ". Chamava-se Juliana e tinha 16 primaveras. Era tão querida na Corte, que foi criada no Paço e protegida pela rainha Dona Catarina.

Dom Sebastião enamorou-se de D. Juliana com tanto ardor, que em pouco tempo na Corte não se falava de outra coisa. Dona Catarina, O Cardeal D. Henrique e toda a fidalguia fizeram uma tenaz guerra àquela paixão, tendo havido o descaramento de dizerem ao Duque, para casar a filha com um fidalgo qualquer, dando-lhe a Corte honras e mercês.

O Duque de Aveiro, que percebeu bem o fim de tais promessas, ia deixando passar o tempo, fazendo, o que ainda hoje muitos pais fazem, vista grossa.

Ora D. Sebastião ia continuando fazendo namoro à fidalguinha, mas, pelo que vejo na crónica, não tinha muitos momentos para estar à vontade com a sua apaixonada, e tendo em mira poder-lhe dizer certos segredos, e mesmo trocar talvez algum beijo, combinou uma grande caçada aqui em Sintra, para os lados dos Capuchos.

Sintra foi sempre propensa para namorados, ainda hoje, lerás nos jornais, em descrições de casamentos, que os noivos partiram para Sintra, onde vão passar a lua-de-mel. Dom Sebastião

organizou a caçada, com um grande número de fidalgos, criada-gem, belos ginetes, etc.

Bem compreenderás que Dom Sebastião lembrou-se da caçada, simplesmente para que a jovem Juliana lá aparecesse e lhe pudesse falar nalgum lugar solitário da serra. A Rainha D. Catarina, que sempre adivinhava as intenções do Rei, pediu à mulher do Duque de Bragança, senhora muito inteligente, que vigiasse os apaixonados.

Quando pela serra os caçadores estavam no auge da animação, o Duque de Aveiro levou a filha para um lugar assombrado, retirado, e ali se encontraram com Dom Sebastião. Mas qual não foi a admiração do rei, quando viu aparecer, risonha e amável, a mulher do Duque de Bragança!

Estás a ver o quadro? Imagino que foi recebida com o risinho nos lábios, mas diz a crónica que foi logo terminada a caçada com espanto de todos os fidalgos convidados. Aqui está a pequena história destes amores que duraram, como te disse, um sorriso de Aurora.

O TÚMULO DOS DOIS IRMÃOS

" Uma das Muitas Versões "

A 10 de Junho de 1888, o autor de " Cintra " Colares e seus arredores " , A. da Silva Pereira, escrevia o seguinte, respeitante à lenda do túmulo dos " Dois Irmãos ":

Por entre as quintas próximas ao palácio (Ramalhão) vai a estrada real que conduz à vila.

Mais adiante encontra-se por baixo do sombrio arvoredor uma sepultura circular, com dois degraus, encimada por uma cruz. É o chamado - Túmulo dos Dois Irmãos -. Assim o denominava o povo em pitoresca linguagem, porque dá a lembrar a triste lenda que tem atravessado as gerações com um certo mistério, não existiu o facto que parece ter-lhe dado origem.

Eis a tradição:

" Dois irmãos requestavam uma galante rapariga, ignorando cada qual o amor do outro. Certa noite, estando um deles em doce

" Uma das Muitas Versões "

colôquio com a sua amada, foi surpreendido pelo seu rival, que o atacou. Defende-se o outro e mata o adversário. Porém, qual não é a sua desesperação quando, pela voz do muribundo, reconhece ter sido o assassino de seu próprio irmão! Alucinado, volta a arma contra si e cai exangue junto da sua vítima." Tendo-se aberto em 1832 aquela sepultura que devia encerrar os ossos dos desditosos irmãos, encontrou-se, com grande espanto, um só cadáver, que veio destruir a lenda romântica de tais amores.

Conheceu-se ser de um bispo que havia falecido em uma casa próxima, que servia de gafaria, e onde hoje (1888) se acha um teatro ?

A LENDA " DOS DOIS IRMÃOS "

" Versão do Dr. Félix Alves Pereira "

A 22 (?) de Abril de 1933, fui examinar este monumento pela segunda ou terceira vez; creio, porém, que a primeira depois que ele foi desviado da sua antiga situação. Actualmente está à margem da estrada e à esquerda de quem se dirigir a S. Pedro. Tem duas cabeceiras nas extremidades, ambas com o emblema da cruz voltado para lados opostos; as cruzes são iguais e reproduzem o tipo românico das cruzes de sagração das igrejas românicas; na extremidade do monumento, do lado N.N.O. (285º), existe ainda, sobre a campa, um pequeno pedestal circular com um ou dois degraus e a mecha central; o cruzeiro desapareceu. A tampa tem três faces e é sensivelmente rectangular; a face plana, que é a central, tem em relevo, ao longo, uma cruz esculpida com base e o emblema. O cruzeiro ficava do lado do N.O.O. De cabeceira a cabeceira mede por dentro, 1,70m; a cruz esculpida, com a sua base, 1,60m. As cabeceiras, pela face interna, são lisas, na externa está esculpida uma cruz em relevo: o seu diâmetro é 0,35 e espessura 0,20m. O pedestal do cruzeiro tem 0,40m e ficava do lado setentrional, portanto, do lado oposto à cruz esculpida na campa. É evidente que a

A LENDA " DOS DOIS IRMÃOS " Cont.

" Versão do Dr. Félix Alves Pereira "

forma da cruz esculpida é românica. Em 1930, foi aberto e reconstruído ao lado da estrada. Eu tinha-o visitado em 1927, creio eu, e fotografado. A campa era trifacetada e rectangular, com uma cruz gravada em relevo, semelhante às que ainda se vêem em degraus e noutros pontos na Igreja de Santa Maria.

+++++ =++++

A nótula, como as duas antecedentes, foi encontrada também no Arquivo do Instituto de Sintra.

A denominação Túmulo dos Dois Irmãos tem origem na lenda seguinte:

Dois irmãos enamoraram-se, sem o saberem, da mesma mulher. Uma noite um deles encontra o rival debaixo do balcão da que supunha fiel ao amor jurado e matou-o. No dia seguinte verificou que o assassinado era o seu irmão querido. Com o mesmo ferro homicida acabou com a vida, sobre o cadáver daquele que tanto estimava.

A história é romanesca e repete-se noutros locais. Depois a abertura do túmulo, feita em 7 de Abril de 1830 por ordem de D. Miguel que quis assistir ao acto, mostrou existir ali um único esqueleto.

" O Moymêto e Cruz " respectiva do Ramalhão, - (Antigualha das Cercanias de Sintra - Panorama, Vol VI, pág. 359, Lisboa, 1842) - como se vê numa antiga litografia existente no incipiente Museu de Sintra, foram construídos no Cemitério dos Lázaros desta localidade, conforme garante documento existente nos acordos da Misericórdia de Sintra, livro 7, fl. 96, estudados por Braamcamp Freire.

Porque D. Luís Coutinho sofreu de lepra e se tratou nos banhos de Santa Eufémia da Serra, supôs-se já que o túmulo lhe pertencia. Braamcamp Freira aduz, no entanto, razões que levam a não aceitar a hipótese sem reservas. Este investigador encontrou documento referente ao túmulo em questão mas que data mais de 30 anos depois da morte de D. Luís Coutinho. O facto não invalida em absoluto a hipótese mas mister se torna encontrar Prova decisiva. D. Luís Coutinho foi Bispo

" Versão do Dr. Félix Alves Pereira "

de Viseu em 1438 e transferido para Coimbra em 1444. Esteve em Roma em 1451 a acompanhar a Infanta D. Leonor, que então se casava com o Imperador Francisco III.

O Abade de Castro diz que ele foi Arcebispo de Lisboa, em 1452. Braamcamp Freire informa não ter encontrado documento algum a garantir a afirmação e lastima que o Abade de Castro não haja mencionado o que lhe serviu para a afirmativa.

Tudo é mistério no Túmulo dos Dois Irmãos.

Do manuscrito citado por Braamcamp Freire parece depreender-se que a cruz alçada sobre o monumento em questão não deve ser da primitiva, mas acrescenta que a piedade a impusera. Nele se diz que, em 1 de Julho de 1673, a Misericórdia de Sintra mandou " pôr hũa cruz de pedra na sepultura dos Lázarus e já esta Santa Casa a tinha mandado pôr a que furtação e se pôz no ano de 1598 - mil quinhentos e noventa e oito - Anos " e dipendeu nela " mil e quinhentos reis ".

" O TÚMULO VULGARMENTE CHAMADO -DOS DOIS IRMÃOS - EXISTENTE NA ESTRADA DE SINTRA.

Em Cintra Pinturesca, de António A.R. da Cunha, transcreve-se o seguinte:

" Vê-se na estrada pública que vai do Ramalhão para a Vila de Sintra um túmulo que segundo o uso dos primeiros tempos da monarquia, adoptados dos romanos, está exposto à veneração dos viandantes.

Antigas tradições populares, que pela maior parte são seguidas também pelas classes elevadas da Sociedade, quando não são esclarecidas pela Crítica, tinham feito acreditar que, naquele monumento sepulcral, existiam depositados dois irmãos que haviam pelejado um contra o outro, matando-se reciprocamente.

No ano de 1827, examinou o Visconde de Santarém a parte externa do túmulo, e não lhe foi difícil encontrar a decantada Bandeira Bipartida chamada Balsa, de que usavam os Templários, e sobre a campa uma cruz gravada que confrontando com as que descreve Santa Rosa no seu Elucidário,

e de que dá os desenhos, unicamente estiveram em uso no tempo de El-Rei D. Afonso I.

Julgando-se, à vista destas indagações, haver toda a probabilidade de ser aquella sepultura pertencente a um templário de grande distinção que talvez percesse na guerra que houve na Serra de Sintra com os Sarracenos, na tomada da vila do mesmo nome, e fazendo as mais minuciosas buscas nos documentos do antigo arquivo da Misericórdia daquela vila, se encontrou que no ano de 1409, já existia a memória dos homens a fundação do Hospital da Gafaria dos Lázaros no cabeço do Ramalhão ao nascente deste mesmo sítio de que a Câmara era administradora, e que já então confrontava com aquele monumento.

No dia 7 de Abril de 1830, procedendo-se à abertura do referido monumento, na presença de D. Miguel, de vários Fidalgos que o acompanhavam, e do Juiz de Fora da vila de Sintra, etc. reconheceu-se que aquele túmulo pertencia a um único individuo, o que se provou pelos ossos que no fundo se encontravam e posição em que apareceram; porquanto, quase na profundidade de dois palmos, se achavam os mesmos ossos em uma posição tal, que bem mostravam ter sido o lugar da cabeça a parte do monumento mais afastada da cruz, e a dos pés contígua a esta. No sítio pois onde pela largura indicava ser a dos ombros, se encontravam as vértebras dorsais, e as duas clavículas, ainda com consistência, e em estado de bem mostrarem a parte do corpo a que haviam pertencido; e continuando pelo vácuo, para o lado da cruz, foram aparecendo mais ossos; algumas costelas inteiras, parte de uma omoplata, os dois úmeros, os dois cúbitos, parte de um osso ilíaco; e, próximo à cruz, apareceram as duas tíbias.

Por mais diligências que se fizeram, não foi possível encontrar inscrição alguma pela qual se conhecesse quem era o individuo que ali se achava sepultado, nem o tempo em que faleceu.

Havendo-se pois ordenado aos operários que pusessem o túmulo em seu antigo estado, sem contudo se observar a ordem na posição dos ossos, tornou-se a assentar a campa, e rapando as suas juntas com argamassa, pôs-se uma nova cruz, por existir uma de pau, muito antiga, desde tempo muito remoto, em que se quebrou a antiga de pedra; lavrou-se o competente auto de que se remetteu uma cópia ao Arquivo da Câmara de Sintra, e outra ao da Mi-

" O TÚMULO VULGARMENTE CHAMADO - DOS DOIS IRMÃOS - EXISTENTE NA ESTRADA DE SINTRA. Cont.

sericórdia da mesma Vila. Ao concluir este artigo é necessário advertir que no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, aonde se fizeram as mais minuciosas buscas, naquele ano, não foi tão pouco possível achar documento algum que pudesse aclarar o assunto de que se trata ".

(Esta nótula foi inserida em " O Recreio "-
Jornal das Famílias - de Maio de 1878 .

O TUMULO DOS DOIS IRMÃOS

D. JOÃO DA CÂMARA, dramaturgo e poeta, engenheiro e ferroviário de nomeada, romantizou esta lenda num delicioso conto, que se transcreve:

Terminou a charneca. Respira-se finalmente. Começa a subida para S. Pedro de Sintra e o caminho é sombreado pelos velhos ulmeiros.

Quando chega o inverno e os despoja, brinca o vento da tarde com as folhas secas, e fá-las girar e dançar em corropios doídos, sobre a sepultura dos dois irmãos. Vem Dezembro, e os carcomidos troncos atiram para o ar tragicamente os braços de esqueleto, e a lua espreira por entre eles, lívida como uma face de enforcado.

Um túmulo fica à beira da estrada. Uma pedra chata, com uma cruz de malta esculpida. Ele basta para dar tristeza a todo aquele bocado de paisagem. Para além, é Sintra, a serra acastelada, cheia de aromas, onde cedros e pinheiros são abraçados pelas heras, onde nos musgos que revestem as árvores decrepitas os fetos nascem viridentes sempre. Terra de flores e de árvores, que na Primavera, quando as violas perfumam o ar, fala de esperanças aos novos, que no Outono, quando os choupos são doirados como os poentes, fala de saudades aos velhos! Os poetas cantaram-se sempre. Ainda antes que a pedra fúnebre ali tapasse uma cova. Sintra, montanha de flores, era de amores a morada. A pedra, o tempo, a foi gastando e

e há-de gastá-la de todo. E a história ainda há-de ser contada de boca em boca, porque foi um caso de amor, porque foi um caso de morte.

Juramentos de mulher são como o perfume das verbenas, que mal dura uma noite, pois haviam sido soluçados entre lágrimas ao cavaleiro que partia a combater os moiros. Quando este se foi, levava no coração, chagado mas tranquilo, um segredo que era só dele, nos lábios o perfume de um beijo, na memória uma promessa.

E ela chorava; e seu crime, que havia de cometer, foi o da sua mocidade. O luto que pôs na sua alma, não o vestiu a natureza. Continuaram as fontes a cantar, rosas e violas perfumando as manhãs, os melros alegrando os valados, e os pinhais, quando ela passava, murmuravam queixas de tanta dor que a distraíam das saudades.

Já ela, num pasmo, num extasis dulcíssimo de entresonho, a si mesmo perguntava a quem mais queria no mundo, se ao amor, se ao cavaleiro amado.

E, à janela, ouvindo os sussurros da noite, já não chorava, sorria. Uma tarde, avistou outro cavaleiro que passava, ainda mais novo, ainda mais gentil do que esse que se fora de longada, a buscar renome combatendo os moiros, e de quem mais não houvera novas. Ainda mais novo, ainda mais gentil!... Esperou-o muitas vezes, manhãs e tardes; leu cartas que um pagem malicioso lhe trazia; deixou que ele lhe falasse, uma vez de noite, à luz das estrelas, que mal coava entre as ramarias dos ulmeiros.

Ah! como bebia, sôfrega, palavras que de lhe dizia! Falava-lhe de seus olhos dela, quando a vez primeira a avistara, e que do céu, onde ela os tivera fitos, lhe entornavam na alma o azul cintilante, falava-lhe do sorriso dos lábios abertos à viração perfumada; perguntava-lhe se não lhe sabia já do amor, se lhe o não haviam contado às fontes a deslizar nos musgos, as aves a chitrear nos bosques, as pétalas brancas desprendidas das acácias em flor. E ela cuidava que lhe penetravam na alma docemente todos os aromas da serra, todas as harmonias dos bosques.

Todo o passado esquecera; mas o juramento que fizera, alguém se lembrava dele, porque lhe fôra apêgo à vida em mil tor-

mentos padecidos. E, nessa mesma noite, mal convescido de graves ferimentos, que em terras longes do Alentejo o haviam prostrado semi-morto no campo de batalha, caminhou devagarinho na sombra do bosque serrado. Os olhos, fartos de ver sangue e estertores, viera descançá-los um instante no granito da janela que as heras emolduravam.

Uma vez, que era a música de todos os sonhos que sonhara entre a vida e a morte, encantou-lhe os ouvidos. Repetia palavras de amor, que já uma vez lhe ouvira. Qual dos dois é que sonhava naquela noite?

Avistou um vulto sob a janela. Deu um grito a que a mulher respondeu com outro, que logo lhe morreu abafado na garganta. Ainda ela ouviu as espadas a tilintarem faiscando, quis chamar socorro, mas caiu desmaiada, ouvindo aquele a quem mais queria no mundo exclamar num arranco:

- Deus tenha compaixão de minha alma!

- Irmão!... Irmão!... gritou o guerreiro, ao reconhecer pela voz quem atravessara com sua espada.

E, deixando-se sobre ela cair, os dois só tiveram tempo para com os lábios convulsos trocarem um beijo e um perdão. A sepultura juntou quem o amor desunira. Serra de amores, se não havia nela de passear a morte!

(1903)

JOÃO DA CÂMARA

A LENDA DOS DOIS IRMÃOS

" Ainda Outra Versão "

É conhecida esta sepultura pela denominação de Sepultura de Dois Irmãos, nome que já tinha no século XV, como consta de um instrumento daquela época.

Dizem os naturais que, o que dera origem a esta denominação fora a tradição que entre eles corre antiga de pais e filhos, que passo a descrever como a ouvi a um velho de noventa anos todo enebriado da sua veracidade: -

Dois irmãos traziam amores por uma donzela que por aqueles

A LENDA DOS DOIS IRMÃOS Cont.

" Ainda Outra Versão "

sítios habitava, ignorando ambos os amores um do outro. Acontecendo por uma triste fatalidade encontrarem-se os dois irmãos, em uma noite tenebrosa, debaixo do balcão do objecto que tão enfeitados os trazia, um deles, persuadido que o outro lhe disputava os favores da sua dama, corre cego e inconsiderado sobre ele, e o estende morto a seus pés, vítima de um frenético ciúme. Porém, qual é a sua desesperação, quando pela voz moribunda daquele que julga seu rival, reconhece ter sido o assassino do seu próprio irmão, que muito amava e lhe expira nos braços!

Cheio de desespero, volta contra o peito o ferro fraticida, e cai morto sobre o cadáver ensanguentado do irmão, preferindo uma morte pronta, a uma vida inconsolável, cheia de remorsos.

(Transcrição de Cyntra, Nº1, 1907 ,
que o copilou de Cintra Pinturesca)

MAIS UMA VERSÃO DO TUMULO DOS DOIS IRMÃOS

No Guia de Portugal, da autoria Francisco de José de Almeida, lê-se o seguinte:

Dois amantes que terna e verdadeiramente se amavam, coroaram os seus mútuos desejos, por um consórcio que julgaram de inquebrável e apaixonada amizade. Este mundo porém onde o homem propõe e Deus dispõe ocasionou ao esposo uma separação temporária. Partiu, portanto, levando gravada no coração ardente e entusiasta a lembrança da adorada esposa, que deixava banhada em ternas lágrimas de amor e de saudade.

O esposo tinha um irmão, e era com ele que a terna esposa se comprazia falando-lhe do seu tão amante como idolatrado esposo; empregando para isso as mais ternas expressões.

Era uma noite escura como a saudade, ardente como o amor de mãe, e passeavam neste mesmo sítio a esposa e seu cunhado, carpindo ele com ternas e sentidas palavras monossílabos

MAIS UMA VERSÃO DO TÚMULO DOS DOIS IRMÃOS Cont.

a ausência que a matava.

Esforçava-se o seu leal companheiro a consolar a dor de sua irmã adoptiva e respeitada.

Findara a separação. Voara o desterrado a abraçar a esposa. Chega ao sítio; presente os passeantes; escuta, conhece a esposa; julga-se traído, e no auge exaltado e sem tino do ciúme - esse traidor e imprudente conselheiro dos esposos e dos amantes, comete um crime, apunhalando a esposa fiel! E cometeria outro se o irmão reconhecendo-o lhe não grita: - Que fazes, ingrato! O desgraçado, à voz do irmão e na presença do crime, deixa cair da mão a arma assassina.

Volta à razão, medita, chora, arrepende-se, horroriza-se, e no conjunto de todos esses sentimentos sucumbe e a si mesmo se castiga, lavando com seu próprio sangue os crimes que cometera sem prudência e sem crer!!! Esta é a lenda, aquele é o sarcófago onde para sempre se guardaram, os restos mortais dos dois infelizes esposos, (segundo a lenda) que se fossem mais prudentes talvez fossem mais ditosos.

A história era romântica se fosse verdadeira, tenho porém fundadas razões para afirmar que o não é. Paramos aqui e ouça a verdade do caso.

Esta casa que vê, foi em tempo gafaria, ou hospital de leprosos. A casa esteve por muito tempo abandonada, e só há pouco tempo (três anos), foi restaurada; e consta-me que actualmente é habitada, e que até ali está estabelecido um teatro.

O terreno portanto onde se vê a sepultura era o cemitério dos doentes; o túmulo foi o lugar onde se enterrou um bispo, que no tal hospital morreu leproso.

O célebre pintor Sequeira (Domingos António de), que foi mestre de desenho das senhoras infantas, vindo uma vez a este sítio, desejou verificar, se no túmulo havia um ou dois corpos, conseguiu que ele se abrisse, e verificou que havia um só.

-Outra das Muitas Versões -

Do Arquivo do Concelho de Sintra, da direcção do Sr.Dr.José de Oliveira Boléo, de Setembro de 1941, transcreve-se mais uma versão do " Túmulo dos Dois Irmãos ":

Era linda, a rapariga, olhos de moura encantada, que não fugira às hostes do rei Conquistador e ali ficara, a enfeitar os jovens que por ela se perdiam por amores. E a jovem leviana, cortejada pelos mocetões valentes do lugar, para todos tinha um sorriso e uma esperança. Dois irmãos disputavam os seus favores e a sua predilecção, desconhecendo ambos que o mesmo sentimento os animava. Certa noite, que a lua caprichava em cobrir aquela terra com um lençol de luz e cantavam as cigarras nos valados, encontraram-se os dois irmãos sob a janela da mulher que amavam. Investiram, e só quando o ferro fraticida prostrava um contendor para sempre, o outro reconheceu que assassinara o seu próprio irmão, a quem muito queria. Ali mesmo se deu à morte, dizendo o povo que naquele túmulo se encontram agora sepultados os dois irmãos, unidos na morte que o amor lhes dera.

IGREJA DE SANTA MARIA

A Igreja de Santa Maria do Arrabalde, fundada por D. Afonso Henriques, quando conquistou a Vila de Sintra, devido ao facto que ali colocara a sua primeira barraca de campanha.

(Transcrição do Dicionário
Cronográfico, de José Ave-
lino de Almeida)

HOSPITALIDADE DO CONVENTO DE SANTA CRUZ

O Convento de Santa Cruz, dos Capuchos ou da Cortiça, fundado por D. Álvaro de Castro, em 1560, possuía um só dormitório de exíguas dimensões, autêntica sepultura de homens vivos. O refectório era tão pequeno que apenas tinha 14 palmos de comprimento e sete de largo, servindo de mesa uma lage tosca que para este efeito mandou arrancar da serra o Cardeal-Rei, levantada um palmo do chão. Os guardanapos eram da mais áspera estopa, as loiças, de que se serviam os frades, eram de barro grosseiro, guardando-se aí sempre abstinência de carne, e não se comendo no advento e quaresma coisa que fosse ao lume. Aqui encontravam a hospitalidade dos religiosos as pessoas que visitassem o convento uma parca refeição de pão, queijo e delicioso vinho de Colares.

(De Portugal Pitoresco, edição de
1847)

EPISÓDIOS LENDÁRIOS DO CONVENTO DOS CAPUCHOS

O Convento dos Capuchos (de Santa Cruz ou da Cortiça), fundado por D. Álvaro de Castro, em 1560, é um verdadeiro cenóbio, que se confunde com o penhasco a que se encosta. É aberto na rocha, revestido de cortiça.

A sua construção obedeceu às disposições testamentárias do pai do citado fidalgo, o vice-rei D. João de Castro, que deixou escrito " se na graça ou justiça dos reis achasse alguma gratidão dos seus serviços, do prémio deles, edificasse na serra de Sintra um convento de recolhidos Franciscanos, advertindo que ele fosse edificado com a invocação da Cruz."

Dizia Filipe II que nos seus reinos tinha duas coisas célebres: uma, por muito grande e muito rica, o Escorial; outra, por muito pequena e muito pobre, O Convento de Santa Cruz, de Sintra. Conta-se que, indo este rei visitar o humilde convento franciscano e tendo pedido um púcaro de água, alguns fidalgos advertiram o guardião que oferecesse algum doce, o que o guardião fez, apresentando um prato com passas de uvas, e

dizendo ser o único que tinha em casa. Disse o rei que pedissem o que quisessem, que ele lho daria: a resposta foi que nada precisavam, nem mesmo azeite para a almotalia, pois tinha vindo a semana passada.

Estupefacto o rei de vêr tanto desapêgo, disse olhando para o magestoso convento da Pena:

- Allá es la Pena e esta la Gloria!

A LENDA DE MONSERRATE

Numa colina isolada, a meio da estrada velha que vai de Sintra a Colares, e cerca de um quilómetro da Penha Verde, encontra-se o Palácio de Monserrate. À direita fica-lhe a Quinta da Piedade ou do Cadaval. Ao cimo vê-se a montanha coberta de arvoredos.

Foi fundado perto do local onde havia uma antiga ermida com a invocação de Nossa Senhora de Monserrate.

Diz a tradição que nos tempos do domínio árabe morou naquele sítio, no alto da Penha, um moçárabe ou fidalgo cristão, que tinha grande predomínio com todas as famílias cristãs que habitavam a serra.

Esse moçárabe andava em rixa velha com o alcaide do castelo de Sintra, resultando dessa discórdia este vir desafiá-lo a duelo, o que se efectuou ficando estendido sem vida o moçárabe, que por toda aquela gente desde logo foi tido em conta de mártir, ao qual levantaram um túmulo e depois uma capelinha de oração.

Essa pequena ermida com o tempo ruíu, sendo em 1500 substituída por outra, edificada pelo padre Gaspar Preto, sob a invocação de Nossa Senhora de Monserrate, vindo de Roma a imagem da Virgem, feita de alabastro.

Parece que aquele sítio foi dado ao hospital de Todos os Santos de Lisboa, e depois aforado a Caetano Melo e Castro, vice-rei da Índia, que mandou arrotear o terreno, nele fundado a Quinta chamada da Bela Vista.

Este Convento que era de frades jerónimos foi fundado em 1355 por frei Vasco Martins, mandado concluir por D. João I e reedificado por D. João III. Teve origem em uma ermida de Nossa Senhora, cuja imagem, segundo a tradição, foi achada naquele sítio. Penha Longa parece derivar de Pera Longa ou Pedra Longa, devido à estranha configuração de uma pedra, semelhante a uma pera, que encima o grupo de penedos, junto ao qual foi fundado este convento. A sua Igreja é de invocação de Nossa Senhora da Saúde, que era festejada antigamente por grandes círios, pelo Espírito Santo, festas que presentemente se realizam, embora sem a imponência e o pitoresco de outrora no Domingo do Espírito Santo, festas que na segunda feira seguinte, com grande concorrência dos povos de Sintra e Cascais. Pela extinção das ordens religiosas foi incluído este convento, e suas dependências, no número dos "bens nacionais".

(De Cyntra, Nº1, 1908)

ORIGEM DO NOME DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE DE PENHA LONGA.

Da já citada Relação do Castelo e Serra de Sintra, transcreve-se o seguinte passo:

Só me resta para concluir esta relação falar do Convento de Penha Longa primeira fundação, que tiveram os monges Jeronimianos neste reino de Portugal, construído pelo sereníssimo senhor rei Dom João o I nas faldas da serra para a parte do sul. A invocação deste convento antigamente foi de Nossa Senhora da Vitória, a qual mudou o nome por causa da peste, que houve em Portugal, procedida de umas naus, que vieram da India; e como a gente ferida do mesmo mal fugisse para o campo, chegando a este lugar ficou livre, e sã, por cujo motivo denominaram a Senhora com o título de Saúde, e lhe fizeram votos de virem de vários lugares todos os anos visitá-la. Como isto desse algum descômodo aos moradores de Lisboa, lhe erigiram a Igreja de Nossa Senhora da Saúde, edificada na mesma cêdade, para que visitando-a, ficasse cum-

ORIGEM DO NOME DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE DE PENHA LONGA. Cont.

prido o seu voto; porém, com a condição de se repartirem as esmolas, que iam àquela casa, sendo metade para os monges de Penha Longa, e outra metade para a dita Igreja, cuja regalia deixaram perder os monges do dito mosteiro.

NOTULAS LENDÁRIAS DE PENHA LONGA

A Igreja e o Convento de Penha Longa, que pertencem ao núcleo dos monumentos renascentistas construídos durante a primeira metade do século XVI, pertenceram aos frades Jerônimos e foi o primeiro Convento da Ordem que eles fizeram em Portugal, pois que a sua construção data de 1355.

Foi seu fundador Frei Vasques Martins, que para esse fim piedoso obteve algumas esmolas, as quais não bastaram para a construção, que, por isso, teve de ser concluída sob o patrocínio de D. João I, que para o cometimento enviou 1.000 réis, escoltados por uma Companhia de alabardeiros, para os ladrões a não roubarem no caminho.

O Mosteiro tinha a invocação de Nossa Senhora da Saúde, e diz a tradição que foi residência do Cardeal D. Henrique, que ali se ia penitenciar. Ali se encontrava a ~~Fenja~~ Fenda dos Adeus, de que se conta a seguinte lenda:

Andando o Cardeal-Rei, num dos seus dias de bom-humor, a passear na cerca, começaram a grasnar os adeus, fazendo uma gritaria infernal.

- O frei António-perguntou o Cardeal ao guardião do Convento que o acompanhava- o que é que os adeus estão a dizer?

- Estão pedindo de comer, real Senhor.

- Pois dê-se-lhes de comer.

Daí em diante os adeus tiveram uma pensão para seu sustento. Afirma a tradição, que D. Manuel ofereceu à Padroeira - Nossa Senhora da Saúde - uma coroa feita com o primeiro ouro que veio da Índia.

" Nova Versão da Lenda dos Andes "

Assim se denominou, em memória do Cardeal D. Henrique, um jardim na cerca do Convento de Penha Longa, que hoje é um magnífico pomar de frutos de espinho. Conta-se, para justificar esta denominação, que estando um dia o Cardeal Rei, à janela dos seus aposentos, ouviu gritar uns adeus que andavam num lago junto a este jardim e, informando-se por um monge por que essas aves gritavam, mandou que se desse para seu sustento, anualmente, um determinado número de moios de pão, que sempre se ficou pagando ao convento.: Em memória do facto, ao jardim junto do lago habitado pelos felizes adeus, se ficou dando a denominação de Jardim do Cardeal Rei.

(De Cyntra, Nº 7, 1912)

A LENDA DA " GRUTA DA MOIRA " EM NEGRAIS

Conta-se que uma moira, habitante de Negrais, possuidora de uma porca em fase de procriação, teria encarregado um filho pequeno de conduzir o animal em busca de encontro amoroso; o menino e a porca teriam penetrado na gruta rasgada nos rochedos, só regressando ambos à superfície, muito tempo depois, em Oulela, a vários quilómetros de distância, para o sul, tendo a porca já dado à luz uma ninhada de porquinhos.

OUTRA VERSÃO DO " PENEDO DOS OVOS "

Eleva-se perto do antigo mosteiro (Penha Longa), um alto monte que serve de pedestal a uma cruz de pedra. É conhecido pelo " Penedo dos Ovos "; que tem também a sua lenda: Dizia-se, que debaixo dele um tesouro encantado se ocultava, o qual pertenceria a quem pudesse derrubá-lo à força de ovos. Uma velha daqueles sítios, não perdia de olho o tesouro, e caladamente foi juntando os ovos que pode conseguir, e quando lhe paraceu oportuno, deu começo ao trabalho. Escusado é dizer que espatifou a provisão, e o penedo ficou numa lástima. Ainda hoje há quem suponha que os musgos que o revestem são amarelados pelas gemas dos ovos que a velha arremessou.

(Transcrito do Livro História de Sintra, da autoria de Alfredo Heal

LENDA DO "PENEDO DOS OVOS"

Aquele penedo elevado a prumo, caprichosamente, pela natureza, ou produzido pelas convulsões vulcânicas do terreno, em tempos ignotos, anda ligada à seguinte interessante lenda: Era voz corrente que debaixo dele havia escondido um tesouro - tesouro encantado - que só pertenceria a quem fosse capaz de o derrubar, atirando-lhe com ovos.

Era uma espécie de esfinge, que difícil seria adivinhar. Ora, sucedeu que a uma velha daquelas imediações se lhe meteu na cabeça conquistar o apetecido tesouro. Nesse propósito dispôs-se a boa velhinha a juntar tantos ovos quantos pudesse, e quando já estava senhora de uma boa provisão, deu princípio à sua ingénua tarefa.

Carregou, pouco a pouco, todos os ovos para as imediações do penedo, e meteu mãos à obra. Um a um, dois a dois, e com quanta força dispunha, ia arremessando os ovos contra o penedo; quando nenhum já lhe restava, cruel decepção! O penedo continuou erecto e firme, lavado em ovos!

E foi assim que, em vez de cair por terra, o penedo, pondo a descoberto o maravilhoso tesouro, caíram por terra desfeitos todos os sonhos, e todas as esperanças da pobre velha!

E ainda hoje, o povo sempre propenso ao maravilhoso, julga ver nos musgos amarelados que cobrem o penedo, as gemas dos ovos que a velha contra ele arremessou.

A LENDA DO "PENEDO DOS OVOS"

" Mais Uma Versão "

Do curioso livro " Cintra, Colares e Seus Arredores," de A. da Silva Pereira, transcreve-se a presente narrativa, referente à Lenda do " Penedo dos Ovos ":

Consta o sítio de Penha Longa de uma extensa fileira de rochedos áridos e escabrosos, em um dos quais, posto a pino, puseram os frades uma cruz. A este penedo deram as mulheres e as crianças o poético nome de Penedo dos Ovos e outros a Pedra Longa, ou melhor a Pera Longa, por causa da sua estranha configuração muito parecida com aquele fruto.

Quanto ao nome do Penedo dos Ovos, a lenda é a seguinte:

Era voz constante que esse penedo tinha escondido um tesouro - tesouro encantado - que só descobriria quem fosse capaz de derrubar o pedregulho atirando-lhe com ovos. Era uma espécie de esfinge, que difícil seria adivinhar.

Ora, aconteceu que a uma velha daqueles sítios se meteu em cabeça conquistar o tesouro apetecido. Neste intuito dispôs-se a boa velhinha a juntar tantos ovos quantos pudesse. No fim de ter uma grande provisão, carregou com ele, chegou ao penedo e, alçando os braços, zás!... atirou-lhe mesmo em cheio, com quanta força teve, todos aqueles ovos, mas - ô decepção cruel! - quando ela esperava ver desabar o tal rochedo, a mesma bruta a nada se moveu, e lá ficou lavada em gemas de ovos. E foi assim que, em lugar de cair por terra o rochedo, caíram por terra todas as esperanças e sonhos da pobre velha!...

Do lado do Sul, cobrem o penedo musgos amarelados que o povo, sempre propenso ao maravilhoso, diz serem as gemas dos ovos que a velha para ali atirou. A verdade é que aquele penedo,

A LENDA DO "PENEDO DOS OVOS"

"Mais Uma Versão"

Cont.

A verdade é que aquele penedo, elevado a prumo caprichosamente pela natureza, ou produzido pelas convulsões vulcânicas do terreno entempos ignotos, ouviu outrora de baliza aos navegantes que demandavam a barra de Lisboa.

A LENDA DEM BEIJO

Diz-nos D. Duarte que o rei e a rainha fizeram casar mais de um cento de mulheres, entrando na conta as que ele próprio casou também, seguindo tão bons exemplos. Não havia uma ligação ilícita, nem um adultério conhecido. Acôrte era uma escola. D. Filipa, pregando ao peito o seu véu de esposa casta, com os olhos levantados ao céu, não perdoava. Terrível, na sua mansidão, trazia o marido sobre espinhos. De uma vez, segundo reza a lenda, em Sintra, o rei esqueceu-se, e furtivamente pregava um beijo na nuca, ou na face, de uma das aias, quando surgiu logo, acusadora e grave, sem uma palavra, mas com um ar medonho, a rainha casta e loura. D. João, enfiado, titubeando, disse-lhe uma tolice: "Foi por bem!" Ela partiu solenemente. Eram ciumes? Não; só tem ciumes quem tem paixão. Era aquele sentimento exclusivamente saxónio, para o qual também só ha palavra na língua portuguesa; era o cant, essa mistura inconsciente de orgulho e convenção que, ficando abaixo da religião do dever, está muito por cima da hipocrisia, isto é, da simulação consciente dele.

.....
Tudo sério. A rainha adoptara o modo, conciso e simples como ela própria, Pour bien: o modo que o rei mandou pintar no tecto da sala de Sintra, e que lhe sugerira a tangente salvadora, quando fora o caso do beijo furtado à dama.

(Transcrição de "Os Filhos de D. João I", por J. P. Oliveira Martins, 2ª edição, 1936).

A LENDA DA SALA DAS PEGAS

(Mais uma Versão)

Sendo encontrado D. João I por sua esposa beijando uma das suas damas, porque o fazia por sincera amizade, e não por criminoso amor, respondeu à rainha agastada, que tinha sido por bem; e com esta legenda, que bem podemos assemelhar ao Honi soit qui mal y pense dos ingleses mandou edificar uma sala, cujo tecto é pintado de pegas, para que esta ave como faladora apregoasse a sua inocência, e a pureza injustamente manchada daquela donzela, outros menos galantes e cuja opinião não seguimos, pretendem que tendo-se divulgado no paço esta aventura, e corrido de boca em boca entre as outras damas, El-rei para os castigar mandou pintar esta sala com as ditas aves, como símbolo da sua loquacidade.

(DE Portugal Pitoresco,
edição de 1847)

SALA DAS PEGAS

(Versão dum viajante estrangeiro)

Serve de casa de jantar a conhecida, e muitas vezes descrita sala das pegas. O tecto, e os frisos das paredes estão cheios de pegas pintadas, que têm no bico um bilheteem que se lêem as palavras "Por Bem", que equivalem de algum modo ao honi soit qui mal y pense. D. João I, mandou traçar esses hornatos singulares para eternizar as palavras com que ele respondeu a sua esposa quando estava o surpreendeu em flagrante delito, de dar um beijo a uma formosa dama do paço.

PRÍNCIPE LICHTENOWSKY

POR BEM

(Mais uma Versão)

No "Dicionário Corográfico" de José Avelino de Almeida, lê-se a seguinte transcrição da autoria de I. de Vilhena Barbosa acerca das palavras Por Bem que pendem dos bicos das pegas na sala do Palácio de Sintra:

No reinado de D. João I, tanto o soberano como os seus filhos tomaram por divisa particular certas letras ou notas em francês, que juntaram ao seu brasão de armas.

Esta prática da antiga cavalaria já era usada por alguns dos nossos monarcas anteriores a D. João I, os quais tinham o seu mote em latim. Esta moda foi introduzida na Inglaterra no tempo da conquista deste país por Guilherme I, duque da Normandia. Duarte III, avô da nossa rainha D. Filipa de Lencastre, casada com D. João I, instituindo a ordem da Jarreteira, deu-lhe por divisa a letra francesa Honi soit qui mal y pense, (segundo a ortografia da época). Foi esta a causa da introdução dos motes em francês. D. João I, tomou o mote: Il me plaît pour bien; o infante D. Duarte, que lhe sucedeu no trono, preferiu a língua latina e compôs o seu mote das palavras Loco et Tempore; o infante D. Pedro, Duque de Coimbra, escolheu somente a língua latina a letra Désir; o infante D. Henrique, Duque de Viseu, Talent de bien faire; e o infante D. João, Duque da Guarda, J'ai bien raison. Vê-se pois que a letra Por bem, que pende dos bicos das pegas, é metade do mote de D. João I.

O mais já fica explicado no lugar competente, que é a tradição geralmente aceita; todavia há outra versão, que, não obstante ser conforme na circunstância principal, diverge no atributo a que se atribui a D. João I, mandando pintar o mencionado teto. Segundo esta versão, as outras damas do Paço, companheiras da donzela que recebeu o beijo do rei, divulgaram o caso, repetindo o Por Bem frequentemente

Então o soberano, em castigo da sua indiscrição e da sua malícia, quis que fossem simbolizadas naquelas pegas, emblemas da loquacidade, publicando e espalhando por toda a parte as palavras que o rei dissera em sua defesa, e em abono da virtude da donzela.

POR BEM

(Mais uma Versão)

Do curioso livro "Sintra, Colares e seus Arredores", da autoria de A. da Silva Pereira, transcreve-se:

"Sala das Pegas—É obra de D. João I essa linda sala, que tem o tecto todo pintado de pegas com uma rosa no bico, e a legenda—Por Bem.

Era moda então usarem os príncipes motes em seus escudos de armas. D. Filipa de Lencastre era—Il me plaît. O infante D. Henrique, o navegador, adoptou o de Talent de bien fairé. E D. João I tomou por divisa as palavras Por Bem.

Esta sala tem uma lenda romanesca.

Conta-se que D. João I, estando ali a beijar uma dama da rainha, na ocasião em que lhe oferecia uma rosa, foi surpreendido por sua esposa, a quem disse sorrindo—Foi por bem. Sorriram-se também as damas, repetindo aquelas palavras, que logo correram de boca em boca por

POR BEM

(Mais uma Versão)

cont.

Sorriram-se também as damas, repetindo aquelas palavras que logo correram de boca em boca por todo o palácio.

Mais se diz que D. João I, para castigar a maliciosa loquacidade das aias da rainha, mandou pintar o tecto da sala como ainda agora está.

O Conde de Sabugal em "O Paço de Sintra", relata desta maneira a lenda das pegas:

"... Já no reinado de D. Duarte existia esta sala com as pegas pintadas nos apainelados do tecto. E como estas aves têm pendente do bico a famosa legenda "Por Bem", que era um mote ou tenção de D. João I, fácil é deduzir que do reinado deste último Rei data o tecto desta sala (...) e a graciosa lenda, que dá aquele rei surpreendido por sua mulher, no momento em que beijava uma das suas damas e declarando com embaraço que o fizera; Por Bem-resposta que ele depois mandou pintar tão repetidas vezes, ou para atestar a inocência da camareira, ou para castigar a tagarelice de outras damas, que como pegas começaram a espalhar o caso."

POR BEM

As Pegas de Sintra

Gavião, gavião branco
Vai ferido e vai voando;
Mas não diz quem n'ó feriu,
Gavião, gavião branco!

O gavião é calado,
Vai ferido e vai voando;
Rssim fora a negra pega
Que há-de sempre andar falando.

A pèga é negra e palreira
O que sabe vai contando...
Muito falsa palra a pèga
Que sempre há-de estar palrando.

POR BEM

cont.

Mas quer Deus que os chocalheiraos
Guardem às vezes, falando
O segredo dos sisudos
Que eles não guardam falando

Era uma pêga no paço
Que El-rei tomara caçando;
Trazem-na as damas mimosa
Com a estar sempre afagando.

Nos paços de Sintra
Onde estava El-rei poisando:
A Rainha e suas damas
No jardim andavam folgando.

Entre açucenas e rosas,
Entre os goivos trabalhando,
Umam regavam as flores
Outras as vão apanhando;

E a minha pega com elas
Sempre, sempre falando;
No ombro de Dona Mécia
A pêga vinha poisando.

E zeloza parecia
Que os amolava espreitando..
Colhera El-rei uma rosa,
A Dona Mécia ia dando.

Com um requebro nos olhos
Tão namorado e tão brandoo..
Inda, bem, minha rainha,
Que adiante te vais andando.

Deu um grito Dona Mécia...
E a rainha, voltando,
Deu com os olhos em ambos...
Ambos se estão delatando.

Pegou na rosa a donzela,
Disfarçada a está cheirando...
Senão quando a negra pega
Que lha tira e vai voando.

"Foi por bem!"lhe disse oRei,
Seu acordo recobrando:
"Foi por bem!"Por bem" repete
A pega em torno voando.

POR BEM

cont.

"Por bem, por bem!" grasna a tonta
De má malícia cuidando
Cõa chocalheira da língua
Andar o caso inredando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem às vezes falando
O segredo dos sisudos
Que eles não guardam calando.

Riu-se a rainha da pega
E ficou acreditando
Que a inocência do caso
N'ela se estava provando.

Da pega mexeriqueira,
Do bem que fez, mal pensando,
Nos Reais Paços de Sintra
A memória está durando.

E eis aqui, senhora a história
Da pèga que aí vês palrando,
Da rosa que tem no bico
Da letra que a está circando.

A pèga é negra e palreira,
O que sabe vai cantando,
Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardam segredo falando.

O gavião, esse é outro;
Vai ferido e vai voando:
Mas não diz quem n'õ feriu...
Gavião, gavião branco!

ALMEIDA GARRETT

POR BEM

"Mais uma Versão"

I

Na resplendente sala
De um alcaçar real,
Com dama esbelta fala
Um rei de Portugal.
E uma ardilosa pèga,
Pousada no alisar,
Os olhos não desprega
Do régio conversar.

El-rei, meigo, adjura:
"Um beijo que tem?"
E a pèga murmura
Baixinho: "Que tem?"

POR BEM

cont.

II

Primaveral e doce
 Lá fora o céu reluz;
 Subtil, a brisa trouxe
 Tépido aroma a flux.
 E el-rei, mansinho, á sonsa,
 Já trémulo de amor,
 Acerca a barba intonsa
 Do rosto encantador.

Ea dama segreda:
 "Não veja ninguém!"
 E a pêga, mui queda,
 Repete: "Ninguém!"

III

Mas quando o lábio pousa
 Nuns lábios de romã,
 Assoma á porta aesposa
 Do régio D. Juan...
 O austero olhar aterra
 Os conturbados réus,
 A dona para aterra
 Abaixa os olhos seus.

E el-rei, com voz branda,
 Murmura: "Por Bem!"
 E a pêga desanda
 Aos berros: "Por Bem!"

LOPES DE MENDONÇA

APARECIMENTO DA FONTE JUNTO

DA ERMIDA DE SANTA EUFÊMIA

Defronte do castelo, em um monte vizinho, se acha situada a ermida de Santa Eufêmia, romaria devota, assimde peregrinos, como de vários devotos, que recorrem á Santa, que pelos muitos prodígios que obra, a buscam para refúgio das suas necessidades. Encostado á ermida está um vestígio de uma pègada da Santa, onde rebentou uma fonte cuja água é muito milagrosa.

(Transcrita da Relação do Castelo e Serra de Sintra, de Joaquim de Almeida Jordão)

LENDA DE SANTA EUFÊMIA

Uma Velha Inscrição

"Mais uma Versão"

Numa das paredes da capela de Santa Eufêmia, existe um quadro de azulejos, que em pitoresca resenha, narra o seguinte, datado de 1787:

Este é o lugar aonde apareceu a milagrosa Santa Eufêmia, da Cerra de Sintra, filha de hu Rei Bárbaro o genitio, filho da Cidade de Braga chamado Cathelio ou Lucio Caio, athile e sua Mãe tambem gentia chamada Calcia q. ateve e a oito Irmãos todas de hu parto e todas forão martires por mandado de Seu Pai: no Segundo Seculo do anno de Jesus Cristoen 125, a qual Santa he advogada de todas as enfermidades do corpo, e principalmente da Sarna, e do figado e corpos chagados, que tudo cura com água da Sua fonte que aSim o dizem os que tomão os banhos no seu tanque, esta pegada que Sevê nesta pedra dizem q. fora aonde amilagrosa Santa posera os pés quando apare seu. Anno de 1787.

NOSSA SENHORA DA PENNA

Outro testemunho da sua devoção

Segundo o povo afirmava, apparecera um dia, nas furnas da serrania, uma linda imagem da Virgem Santissima.

Logo ali lhe edificaram um pequeno abrigo, lugar de religiosa peregrinação.

Quando da fundação do Convento da Penha Longa, em 1355, que ficou "na falda da Serra Sintra, em sitio ameno e deleitoso, já por esses tempos existia, e dedicada à Mãe de Deus, uma ermida, que do oragoe do lugar recebeu o nome de Nossa Senhora da Pena"

Era muito pobre, e despida de conforto. Mas a fé que animava as almas piedosas da gente serrana aquecia as fragas e tornava esplendorosas as suas paredes toscas.

Memórias antigas contam-nos que os beneficiados da Igreja Paroquial de S. Pedro de Penaferrim iam todos os sábados, por ordem de D. João I, dizer missa à devota capelinha, para cumprimento de um encargo que o monarca da "Boa Memória" lhes fizera, em carta datada de oito de Agosto do ano de 1387, e em que os amerciava com um moio de trigo em cada ano.

A devoção por aquele lugar era cada vez maior eo número de pessoas que se diziam contempladas por graças da Virgem aumentava sempre.

NOSSA SENHORA DA PENA

cont.

Em 1493, tendo alcançado a cura de uma grave doença Dom João II veio cumprir a promessa para Sintra, onde já o esperava a rainha—segundo relata Garcia de Resende e ali os dois fizeram uma "novena de onze dias!"

"A casa era uma bem pequena ermida e os que com ele estavam pousavam nas tendas que el-rei aí mandou levar, onde se agasalhavam muito bem e a todos se dava de comer em muita perfeição e, nos onze dias acabada a dita novena, El-rei e a Rainha se tornaram a Sintra.

Subindo ao trono el-rei D. Manuel, redobraram as romagens e cresceu a devoção por Nossa Senhora da Pena.

Fundado o convento de Belém, ali quis logo erguer novo monumento ao culto divino.

Porque tinha o monarca tanta predilecção por aquele lugar?

Muitas romagens fez o rei "Venturoso" àqueles sítios, e tinha por grato hábito—segundo refere a lenda— que lhe enchia o coração ansioso, aguardar nos cumes da montanha as naus do valoroso Gama, que deviam passar ao longe, no Oceano havendo feito, numa dessas romagens o voto de erguer, sobre o píncaro da montanha em que se encontrava, um pequeno convento, sucursal do Mosteiro dos Jerónimos, se acaso a viagem do futuro Conde de Vidigueira fosse coroada de êxito.

Era a serra de Sintra para D. Manuel um dos lugares dilectos do seu coração.

O amor à Virgem, que na humilde ermida com devoção se venerava, levou-o a mandar demolir aquele pequeno templo, para, no seu lugar construir um convento de madeira que destinou aos monges de S. Jerónimo.

Em 1503 iniciou-se a obra pelo corte de uma enorme penha, necessária ao alojamento do novo templo.

Em 1511 o mesmo monarca mandou construir um novo edifício, agora em alvenaria e cantaria, que ficou terminado em 1510, com refeitório, destinado a dezoito monges, igreja e campanário, claustro, hospedaria, oficinas, etc.

"O convento mandado fazer pelo fundador do monumento de Belém—acrescenta A. Braancamp Freire, e este em ponto reduzido; o mesmo estilo no claustro, nas abóbadas da igreja, na casa capitular, em tudo!"

(Transcrito do Arquivo do
Conselho de Sintra,
Nº 3, de Junho de 1941)

NOSSA SENHORA DA PENA

Da Origem do seu Culto

"Mais uma Versão"

Mui remota, perdendo-se a tradição inicial na noite dos tempos, é a Ermida de Nossa Senhora da Penha (ou Pena). Quando, em 1355, se ergueu o Convento de Penha Longa, consagrado a Nossa Senhora da Saúde, já há muito existia, num dos píncaros da Serra, essa ermida dedicada à Mãe de Deus, levantada, segundo tradição, porque numa das grutas desse píncaro se verificara uma das aparições de Nossa Senhora.

Foi a ermida da Penha lugar de missa semanal obrigatória, rezada pelo abade da velha Igreja de S. Pedro de Penaferrim (ou Penhaferrim), para o que D. João I, dois anos após Aljubarrota lhe deu mercê de recebimento de um meio de trigo, anualmente.

Nessa Ermida de Nossa Senhora da Penha, cumpriram D. João II e sua mulher, D. Leonor, uma promessa de onze dias, e, como a igrejinha era de acanhadas dimensões, todo séquito real permaneceu acampado, em tendas, de acanhadas dimensões, todo o séquito real permaneceu acampado, em tendas, ao derredor, durante o tempo dessa real manifestação de Fé, altíssima no rei, e fervorosa na rainha, que, como é bem sabido, foi a fundadora do magnífico Convento da Madre de Deus, em Lisboa.

E diz-se que D. Manuel I, andando à caça na Serra de Sintra, perseguia um veado branco que se foi acoiatar numa das grutas junto à Ermida de Nossa Senhora da Penha, desaparecendo-lhe da vista. Olhando então para a barra do tejo, verificou que regressava a armada de Cabral, que mandara à Índia. Estávamos no ano de 1503, e, contente pelo sucesso fez D. Manuel voto de, no lugar da Ermida, erguer um convento.

Leva tempo a cortar a enorme penha existente e formar um terrado, sobre o qual mandou assentar o convento que só ficou terminado em 1519, e foi entregue à guarda de dezoito monges jerónimos.

E assim surgiu o Convento de Nossa Senhora da Penha (ou Pena), de mista arquitectura gótico-normando-árabe.

NOSSA SENHORA DA PENA

cont.

A Nossa Senhora da Pena ofereceu o "Venturoso" um rico diadema de ouro, e foi para Ela que se voltaram D. João III e sua mulher D. Catarina, quando perigou a vida desta por ocasião do nascimento do filho, o Infante D. Manuel que veio a falecer apenas com seis anos de idade.

(Parte de uma conferência do Dr. José de Oliveira Boleo)

SETIAIS

Sítio da Freguesia de S. Martinho

Tem um palácio mandado construir nos fins do século XVIII pelo negociante holandês Gildmaester e depois vendido ao Marquês de Marialva, que o restaurou.

Conta a lenda que, na conhecida Quinta dos SETEAIS, em Sintra, esteve cativa e lá morreu, depois de muito penar, uma formosa princesa moura que, pouco antes de expirar, deu nada menos de sete ais muito sentidos e profundos. Da junção daquelas duas palavras-sete ais- nasceu, diz o povo da região, o nome do sítio -SETEAIS.

Por seu turno, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira informa o seguinte:

"Da entrada, voltando-se o visitante para o palácio e vozeando alto, obtém um eco perfeito e curioso (a este eco se atribui o nome do sítio).

SETEAIS, com E depois do T, escreveu também Sousa Viterbo num artigo inserto na pág. 64 do Vol. VI do Arquivo Histórico de Portugal, no qual chama ao local- Quintax do Campo de SETEAIS.

O Abade de Miragaia (Tentativa Etimológico-Toponímica, II 247) opina que SETEAIS é mera corrupção de CENTEAIS, etimologia que não me parece digna de aceitação.

No II vol. dos Problemas da Linguagem também o saudoso filólogo Cândido de Figueiredo se ocupou do caso, nos termos seguintes:

"SETIAL, provávelmente alteração de sedial, (de sede assento) significou dantes um banco ou assento ornamentado, nas igrejas; era também o mesmo escabelo, e passou a designar qualquer pequena elevação de terreno, em que alguém se pode sentar como num banco.

Consequentemente, elevações de terreno, mais ou menos revestidas de verdura, eram setiais, nome comum próprio para designar um sítio nas cercanias de Sintra."

Depois de escrita e publicada na imprensa periódica, as linhas precedentes, vi que o senhor Dr. Armando Cortesão, nos seus excelentes Subsídios para Um Dicionário Completo, opina que setial veio do espanhol sítial, de sítios" - opinião que não logrou convencer o referido mestre".

Temos, pois;

1º.- A lenda, que, por o ser, não pode influir no descobrimento da verdade;

2º.- O parecer do abade de Miragaia, que nos oferece

SETIAIS

cont.

2º.- O parecer do abade de Miragaia, que nos oferece para étimo o centeio;

3º.- A hipótese de Cândido de Figueiredo, segundo a qual setia equivale a sedial, de sede, assento;

4º.- A opinião de Armando Cortesão, que filia a origem etimológica do vocábulo no espanhol sitial, de sítio.

Tenho para mim que se encontra num dos dois últimos números a verdade que se procura; eu, porém, hesito em me pronunciar por qualquer das propostas nelas contidas, ambas provindas de etimólogos honestos e competentes.

(Das Notas Toponímicas - do Prof. João Diogo Correia - inserta na Revista de Portugal - vol. XXIII 1958)

A LENDA DE SETEIAIS E CAMILO CASTELO BRANCO"Mais uma Versão"

Já tínhamos que farte necedades referidas e impressas a respeito de Seteais, umas de gente boçal, outras de pseudo antiquários; não obstante aescritora deu-nos a novidade dos sete clamorosos ais ou hourrahs em 1888.

Ninguém pode prever até onde se estende a elasticidade de uma inépcia. Leio no Arquivo Pitoresco, em um artigo do Sr. Vilhena Barbosa, que selectamente pesquisa há longos anos todas as velharias portuguesas o seguinte a respeito de seteais: - Desde tempos muito antigos um dos divertimentos predilectos da gente moça era ir àquele rocio, à tardinha, despertar os ecos que ali há.

Pela disposição dos pincares da serra, formando um reoncavo no fundo do terreiro, as palavras proferidas em voz alta na extremidade do norte do mesmo terreiro, são repetidas pelo eco com muita clareza e por várias vezes. Dizem que naqueles tempos a palavra mais usada em tais exercícios era um ai, e que daqui viera o nome ao rocio, denominando o Senteais na opinião de uns, por parecer que a serra os sente e expressa; ou Seteais, segundo outros, crendo que o eco repete sete vezes a mesma palavra. Fosse, porém, qual fosse a etimologia do nome, o que é certo é que foi este último o que prevaleceu.

É devia prevalecer neste país onde se estudam etimologias nas credences populares.

Recorramos à palavra radical, e refuguemos de vez, se possível é, interpretações apenas agelhadas para completarem o cabaz de ridiculezas que os estrangeiros levam de Portugal para escancararem as mandíbulas dos seus patricios.

A LENDA DE SETEAIS E CAMILO CASTELO BRANCO

cont.

Seto, em antigo português, sebe, tapada, redil, estacada, etc, (de Septum, que tem análogas significações).

Seteaes - plural de seto. Quer haja sido uma tapada o terreno em que se fundou o palácio, ou, em remota época, uma estacada de torneios, ou simplesmente um terreno vedado por sebes, tudo nos elucida a etimologia da palavra, sem nos acostarmos à conjectura dos sete ais, nem às repetições do ai que o eco repercute, nem ainda à sensibilidade dos pinaros da serra, conforme as tradições que o operoso sr. Vilhena Barbosa não refuta na sua escrita.

Declaro que não fundamento em autoridades a minha opinião porque a não trasladei. É de crer que não encontrem a palavra seto nos vocabulários de uso vulgar, nem ainda no Elucidário; porém Fr. Santa Rosa de Viterbo publicou um livro de somenos porte, intitulado Dicionário portátil das palavras, termos e frases que antigamente se usavam e que hoje regularmente se ignoram. A palavra está aí. Se a formação do plural de sete em seteaes fizer implicância aos gramáticos, transijam com as irregularidades do povo no seu modo de formar plurais, e convenham em que se dizia também seteal. Na província de Trás-os-Montes há campos, feiras e devezas com aquela denominação e daí deriva o verbo setear (cercar).

CAMILO CASTELO BRANCO
(Nota à Formosa Lusitânia
de Lady Jackson)

NOTA À MESMA LENDA DE LADY JACKSON

Disseram-me que este nome Seteaes tem referência à assinatura da convenção; porquanto, quando os oficiais e soldados que enchiam a casa tal souberam, expediram sete clamorosos Ais! ou hurrahs, repelindo o seu quinhão de aviltamento de Junot; em memória do que, se denominou a casa do marquês de Maralva, Palácio dos Sete ais. Dizem outros que a causa é haver no edifício um eco que repete sete sílabas.

NOSSA SENHORA DE MELIDES

Outra versão da Lenda"

A pouca distância do convento dos Capuchos da serra fica a antiquíssima ermida da Nossa Senhora de Melides, cuja origem data do principio da Nacionalidade. Nas ruínas de tão modesto edificio se diz ter sido a primeira paróquia da vila (Colares); ainda se divisam os fragmentos da sua respeitável ~~nacionalidade~~ antiguidade. O nome de Melides lhe vem segundo a tradição dos povos, do seguinte facto: Vinte portugueses meditavam uma empresa de guerra contra os mouros, ou fosse a tomada desta vila, ou antes qualquer função militar atrevida; começaram contudo a vacillar á vista de um desproporcionado número de inimigos, e o seu ânimo varonil começava a afrouxar á vista do perigo inevitável. Á moda dos tempos antigos alevantavam-se com a oração neste sitio, eis senão que ouvem uma voz que dizia:-

NOSSA SENHORA DE MELIDES

cont.

À moda dos tempos antigos alevanta vam-se com a oração neste sítio, eis senão que ouvem uma voz que dizia: -Ide que mil ides: despertados e electrizados por esta voz mágica, saiem resolutos, e aos gritos repetidos de mil ides dão sobre os mouros, e apesar de tão desproporcionado o número os desbarataram, e vêm dar graças a Deus de tão portentosa victória à Senhora que de ora em diante apelidam de Melides.

(De Portugal Pitoresco,
edição de 1847)

NOSSA SENHORA DE MELIDES

Narrativa da Sua Lenda

"Mais uma Versão"

Do principio da monarchia data a Ermida de Nossa Senhora de Milides, não longe do Convento dos Capuchos.

O apelativo de Nossa Snhora deriva de uma lenda, que, aliás corre noutros pontos de Portugal, onde também se venera NOSSA SENHORA DE MILIDES.

Andava um grupo de vinte cavaleiros cristãos pelos adustos caminhos da serra, em busca de justas contra a moirama.

Mas naquele lugar da ermida, lhes aparece um fortíssimo número de guerreiros inimigos.

Ante a desporpoção, pensam em retroceder, mas uma voz misteriosa se fez ouvir, animando-os e incitando-os à luta.

-"Ide, que mil ides!".

Encorajados, metem-se na refrega, aos gritos de Milides, e em breve os inimigos da cruz fogem desbaratados. Agradecem, então, a Nossa Snhora o incitamento recebido, mandando depois erguer ali uma pequena igreja, que, segundo parece, chegou a ser sede da freguesia, consagrada a Nossa Senhora de Melides.

Acorrem peregrinos de todo o centro do país, e as festas, no lugar, foram sempre esplendorosas e concorridíssimas durante largo curso do tempo, até que declinaram, tendo sido a imagem da Virgem de Melides transferida, no passado século, para a igreja de Colares.

(Extracto duma conferência
do Dr. José de Oliveira Bolão).

A LENDA DA ERMIDA DE MELIDES

"Outra Versão"

Perto do Convento dos Capuchos fica a Ermida de Melides, ou Mil-ides, que foi a primeira que se fundou na serra.

A origem do nome vem de mil cristãos, que se armaram para expulsar os mouros da serra, mas, como se arreceiassem por serem poucos em relação ao grande número de infiéis, ouviram uma voz misteriosa que lhes disse: Ide, que mil ides!

Foram, e derrotaram os mouros, e em memória desse glorioso feito fundaram a ermida.

OUTRO RELATO DA LENDA DE N. S. DE MELIDES

Relato de J. Avelino Almeida

de guerra

Meditaram vinte portugueses numa empresa contra os mouros; diz a tradição não se saber com certeza, se era a tomada da vila de Colares, ou outra façanha dos tempos antigos; é certo porém que todos vinte foram a um retiro da serra implorar o socorro de Deus para a sua vitória, que estava muito duvidosa, e eles receosos pelo diminuto número da sua força, em comparação da dos inimigos. Uma oite que faziam as suas preces, talvez a da véspera da empresa, ouviram uma voz que dizia: Ide, que mil ides. Não quiseram saber mais; correram ao encontro dos mouros, que eram inumeráveis, travaram peleja, e ficaram vitoriosos. Foram depois dar graças ao Altíssimo no mesmo lugar em que a voz lhes falara, e ali se fez uma ermida dedicada a Nossa Senhora de Milides, no sítio que hoje tem este nome, na serra da vila de Colares.

OUTRA VERSÃO DA LENDA DE NOSSA SENHORA DE MILIDES

Vinte portugueses acordaram empreender guerra contra os mouros. Perante o número desproporcionado de inimigos, hesitaram. Como era então vulgar, para cobrar ânimo, no local onde esteve uma antiga ermida, que datava do princípio da Nacionalidade, ajoelharam e rezaram, respondendo-lhes uma voz:

-Vão, que "Mil ides".

Omistério deu-lhes coragem, e aos brados de "Milides", caíram sobre os mouros, que apesar de numerosos foram desbaratados. Em acção de graças do feito invocaram a "Senhora", edificaram a nova ermida, que passou a ser conhecida por "Milides".

A lenda inspirou os poetas. Em 1894, o jornal O Tempo inseria um folhetim, com uns versos, assinados P. C. J. R. e em que o seu autor afirmava possuir o original.

OUTRA VERSÃO DA LENDA DE NOSSA SENHORA DE MILIDES

cont.

Desta poesia destacamos estas décimas:

Uma senhora vestida
De um manto da cor do sol,
Trazia sobre a cabeça,
Oastro do arredol,
A seus pés a lua estava
E uma serpente pisava
Com o branco engraçado pé,
E logo todos disseram
Quando a visão perceberam,
Esta senhora quem é?

.....
-E disse a bela rainha
Eu sou a Virgem Mãe de Deus
Ide fortes portugueses
Por vós combatem os céus,
Do mouro, posto que forte
Decretada está já a sorte,
Vós haveis de triunfar;
Entrai em tão belas lides
Ide embora, que mil ides
O castelo conquistar.

.....

(Transcrito da "História de
Sintra", de Alfredo Leal)

LENDAS DA PENINHA"Mais outra Versão"

Conta-se que em tempo de D. João III, andava por esta serra (de Sintra) uma rapariga muda, pastorizando um rebanho de ovelhas, das quais se estraviou uma, e procurando-a, foi encontrá-la sobre o rochedo, onde aparecendo-lhe a Nossa Senhora, sob a forma de uma formosa menina, lhe deu fala.

Correu o povo ao sítio, e ali se encontrou uma imagem da Virgem, feita de pedra, a qual foi transportada para a ermida de S. Saturnino, que era perto dali.

Três vezes a imagem desapareceu da ermida e aparecia entre os penedos; e foi por isso que o povo se resolveu a construir ali uma pequena capela, que foi feita à custa de esmolas.

Corria o ano de 1673, e Pedro da Conceição resolveu edificar em lugar da capela uma igreja e um hospício.

Demoliu-se portanto a antiga edificação, e construiu-se este pequeno templo que vê, todo à custa daquele devoto, que aqui gastou quase tudo quanto tinha, e quando acabou a obra fez-se aqui ermitão.

(Transcrição do Guia de Portugal,
de Francisco José de Almeida)

NOSSA SENHORA DA PENINHA

Lenda da sua aparição

Num píncaro da serra se ergue a Ermida de Nossa Senhora da Peninha. Decorria exatamente o reinado de D. João III. Uma pastorinha muda, de Almoinhas Velhas, diariamente subia a serra para apascentar o seu rebanho. Foge-lhe uma ovelhinha branca, e, por isso, chora copiosamente, correndo montes e vales.

Mira os longes do alto de enorme rochedo, quando admirada fica de ver, a seus pés, a ovelhinha junto da Virgem.

Esta lhe dá o dom da fala, lhe seca as lágrimas e diz-lhe que se recolha a casa, com o rebanho, e vá à arca buscar pão, pois devia estar com fome.

Responde a pequena pastora que pão não havia há um ror de tempo, pois a cultura fora sáfara na produção.

Recolhendo ao humilde casebre, fala desenvoltamente à mãe e dirige-se à arca, ali encontrando vários pães.

A família e a vizinhança, perante o milagre, ficam estupefactas; sobem à fraga do alto da serra, e dentro da gruta, meio entulhada, foram encontrar uma imagem de Nossa Senhora.

Trazem-na em procissão, para a Ermida de S. Saturnino, mas daqui desapareceu três vezes e outras tantas foi encontrada na mesma gruta da Serra.

Cotizam-se os aldeões e erguem-lhe então uma rude ermida, depois substituída por outra de melhor traça, que constitui a capela-mor da igreja seiscentista que na Peninha foi levantada.

(Excerto duma conferência
do Dr. José de Oliveira
Boléo)

A LENDA DA CAPELINHA DA PENINHA

"Mais outra Versão"

A capelinha da peninha tem a sua lenda, que é a seguinte: No reinado de D. João III morava num lugarejo dali perto uma pastorinha muda e de extrema pobreza: fugindo-lhe certo dia uma das suas ovelhas, branca por sinal, e que só depois de aturadas correrias e grandes aflições conseguiu encontrar no cimo da serra, surpreendeu-a ver que à sua beira uma formosa menina a afagava. Disse-lhe esta então que levasse a ovelha para casa e que lhe desse pão, o qual encontraria em abundância em determinada arca. Chegada que foi a pastorinha a casa assim fez e, com grande surpresa dos pais, a ouviram falar pela primeira vez, ao contar o sucedido, e na arca, sempre desprovida, encontraram de facto a referida abundância de pão.

Divulgado o milagre, acorreram ao local numerosos aldeões que lá encontraram uma tosca escultura de Nossa Senhora, que mais tarde colocaram numa pobre ermida que, com muito tempo e muitas esmolas, foram construindo.

A LENDA DA CAPELINHA DA PENINHA

cont.

A capela é pois muito antiga e, depois de vários estragos do tempo, foi em 1673 reconstruída por um ermitão -Irmão Pedro- que, também com auxílios esmolares, conseguiu construir a capela e mais umas dependências anexas, sendo até a capela-mor dotada de bonitos mármore embutidos, revestimento de azulejos, etc.

RODRIGO SIMÕES COSTA

OUTRA NARRATIVA DA PENINHA

Conta-se que no reinado de D. João III havia no lugar de Almoíños Velhos uma rapariga muda, guardadora de ovelhas e muito temente a Deus.

Aconteceu que um dia se lhe desgarrou uma ovelha do rebanho e fugiu pela serra até ao alto do penhasco.

A rapariga aí a foi buscar, mas quando chegou lá acima, toda chorosa e fatigada, viu, com grande espanto seu, uma formosa menina, que ao entregar-lhe a ovelha, lhe disse:

-Vai para casa e pede pão à tua mãe.

Ora como esse ano foi de grande fome pela seca e estiagem que houve, a rapariga atônita respondeu:

-Não o há em casa nem na dos vizinhos.

Amenina lhe retorquiu:

-Abre a arca e lá encontrarás seis pães.

Foi para casa a pequena e contou a todos o que acabava de lhe acontecer, causando geral admiração aparecer com fala, admiração que subiu de ponto quando foram à arca e acharam seis pães.

Este milagre correu veloz por toda a povoação, a ponto de se efectuar uma romaria acima ao penhasco, não se encontrando a menina que havia aparecido à pastora, mas nas pesquisas foi encontrada entre os rochedos, oculta em uma lapa, a imagem da Virgem feita de pedra, que foi desde logo transportada para a ermida de S. Saturnino, mas desaparecida no dia seguinte, foram tornar a achá-la no rochedo, e isto se repetiu três vezes.

Conhecendo os devotos moradores que a vontade da Senhora era de ficar naquele sítio, fundou-se aí uma pequena ermida, que mais tarde, em 1673, caiu por ocasião de um tremor.

Anos depois, um devoto ermitão, Pedro da Conceição, empregou todos os seus haveres na construção de uma igreja, dedicada a Nossa Senhora da Peninha.

O templo é pequeno, mas rico de construção, pois tem as paredes cobertas de belos mármore de cores, e em mosaicos.

Ali viveu o frei Pedro da Conceição em uma gruta trinta e cinco anos. A sua sepultura, que está da parte de fora da igreja, tem este epitáfio melancólico como o sítio:

Aqui jaz o Ermita de Nossa Senhora da Peninha, o Irmão Pedro da Conceição. Pede um Padre Nosso e uma Ave-Maria pelos benfeitores.

OUTRA VERSÃO DA LENDA DA PENINHA

Da "História de Sintra", da autoria de Alfredo Leal, publicada no jornal "Sintra Regional", transcreve-se a narrativa seguinte:

Na mesma costa, vê-se a ermida de Nossa Senhora da Peninha, recebendo este nome por ser o rochedo em que está assente menor em grandeza do que aquele onde foi construído o da Pena.

Tem sua história também e diz ela, que no reinado de D. João III, existiu uma pastorinha muda no sítio de Almoinhos Velhos, que costumava levar o seu rebanho à Serra. Um dia, uma ovelha branca fugiu-lhe e só se deteve no alto de um rochedo, onde a pastora esfalfada a foi buscar, não sem se lamentar muito chorosa.

Porém, qual não foi o seu espanto, quando viu junto à ovelha uma menina formosíssima que solícita lhe perguntou o que procurava, ao que a muda, como por encanto, adquirindo a fala, respondera, que lhe faltava aquela ovelha no seu rebanho.

Disse-lhe ainda a misteriosa menina que a levasse a sua mãe e pedisse pão para lhe dar, contestando a pastorinha que havia muita fome e falta de trigo, não o tendo também a sua mãe.

Insistiu com decisão para que fosse sempre ver uma das arcas, na qual encontraria bastantes pães. De corrida regressou a pequena a casa. Chamou pela mãe, que alvoroçada e louca de alegria, por reconhecer que a filha perdera a mudez, chamou as vizinhas, tendo então conhecimento do que se passara, e ainda dos pães existentes na arca, que a jovem abriu, mostrando-os à mãe.

No dia seguinte, havia conhecimento do feito milagroso, e acompanhados da pastorinha, pais e vizinhos, foram ao rochedo da Peninha e em vez da menina, encontraram ali, em umas pedras entalhadas, uma pequenina gruta ocupada por uma imagem a que se passou a prestar culto, na igreja de S. Saturnino, onde a deixaram. Mas, a imagem "não se conformou" com a mudança e por três vezes foi encontrada no lugar primitivo.

Receberam os aldeões o caso como indicação divina e assim, trataram de construir uma modesta ermida, que lhe foi destinada, Edificação frágil, em pouco tempo estava arruinada. Congregaram-se então os povos vizinhos para fazerem outra maior e capaz de resistir aos rigores do invernos.

MAIS OUTRA VERSÃO DA LENDA DA PENINHA

Diz-se que no reinado de D. João III havia no lugar das Almoínas-Velhas uma pastora muda, que tinha por costume apascentar o seu rebanho na serra. Fugindo-lhe uma ovelha, que deixou a correr até ao alto penhasco onde está hoje a igreja, foi a pastora, toda chorosa, buscá-la e encontrando uma linda menina junto da ovelha, perguntou-lhe ela o que procurava; respondeu a muda pastora fascinada pela voz que a interrogava, que a ovelha que ali estava lhe fugira. Então a formosa donzela lha entregou, dizendo-lhe que a levasse a sua mãe e lhe pedisse pão.